



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

**AGROECOLOGIA E AGRICULTURA FAMILIAR: MAIS DO QUE A
MUDANÇA NA BASE PRODUTIVA, O DESENVOLVIMENTO DE UMA
VISÃO EMPRESARIAL PELO PEQUENO AGRICULTOR. O CASO DE
DOM PEDRO DE ALCÂNTARA (RS)**

PEDRO ANTONIO GADDO TORRES

Orientador: Professor Doutor Luiz Fernando Mazzini Fontoura

PORTO ALEGRE
2008

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**AGROECOLOGIA E AGRICULTURA FAMILIAR: MAIS DO QUE A
MUDANÇA NA BASE PRODUTIVA O DESENVOLVIMENTO DE UMA
VISÃO EMPRESARIAL PELO PEQUENO AGRICULTOR. O CASO DE
DOM PEDRO DE ALCÂNTARA (RS)**

PEDRO ANTONIO GADDO TORRES

PROFESSOR ORIENTADOR

Prof^o. Dr. Luiz Fernando Mazzini Fontoura (UFRGS)

BANCA EXAMIDORA

Prof^o. Dr. Álvaro Luiz Heidrich (UFRGS)

Prof^o. Dr. Oscar Alfredo Sobarzo Miño (UFRGS)

Trabalho de Conclusão do Curso de Geografia apresentado na forma de monografia, junto à disciplina Trabalho de Graduação II, como requisito parcial para obtenção do grau de Geógrafo.

PORTO ALEGRE

2008

Dedico este trabalho à minha espôsa Tânia e aos meus filhos Matheus e Shana, eternas fontes de energia, carinho e motivação.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Luiz Fernando Mazzini Fontoura pela paciência, atenção e irrepreensível conduta como orientador.

A todos os professores do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul pelos conhecimentos acadêmicos que me transmitiram durante o curso e pelos exemplos que são de honradez, conduta ética e solidariedade.

Aos colegas de curso pelo carinho, incentivo, companheirismo e principalmente amizade.

A Ana Mitchel, Angela Costa, Helena Coelho, Mariana Pessoa e Rodrigo Borba pela ajuda que me deram para a realização deste trabalho.

Aos agricultores ecológicos de Dom Pedro de Alcântara pela forma como fui recebido e por terem possibilitado que suas experiências produtivas pudessem ser estudadas.

Ao Centro Ecológico Ipê - Núcleo Litoral Norte pela acolhida, ajuda nas entrevistas e repasse de informações que foram imprescindíveis para a pesquisa.

À EMATER/RS de Dom Pedro de Alcântara por ter colaborado com a disponibilização de dados para a pesquisa e pela ajuda nos meus trabalhos de campo.

À Prefeitura Municipal de Dom Pedro de Alcântara pela receptividade e pronto atendimento na entrevista.

Aos meus amigos que de uma forma ou outra me incentivaram nesta jornada.

A concepção geral vê a verdade e a criação de um mundo melhor como o resultado de um debate e, neste sentido, é preciso concordar com Bachelard: “A verdade só adquire seu pleno sentido ao final de uma polêmica. Aí, não haveria primeira verdade. Há apenas primeiros erros” (apud CANGUILHEM, 1957: 5-6). Os erros e as teses contraditórias estão no centro do processo de busca da verdade e de um mundo melhor, mesmo que o conflito das perspectivas, como o erro, não deva ser buscado como tal. Portanto, é preciso aprender a procurar a verdade e a criatividade, navegando entre teses opostas, sem necessariamente ver a resolução do problema no deslocamento integral de uma tese à outra. (PIRES, Álvaro P., 2008, p. 55).

RESUMO

O desenvolvimento da agroecologia no Rio Grande do Sul está intimamente relacionado com a agricultura familiar. Desprovida de condições para confrontar a agricultura moderna, fortemente caracterizada pela presença de capital e tecnologia, a agricultura familiar encontra na agroecologia a condição para que sua importância social e econômica seja resgatada e preservada. Trabalha-se nesta pesquisa com os agricultores familiares ecológicos do município de Dom Pedro de Alcântara partindo da hipótese de que no momento da mudança do tipo de agricultura convencional para a ecológica, o agricultor muda a sua forma de produzir adotando uma conduta empresarial em relação a sua nova atividade. Inicialmente construiu-se um referencial teórico abrangendo um histórico da agroecologia, conceitos, as relações entre a agroecologia e a agricultura familiar, temas relacionados à comercialização de produtos ecológicos e tipos de pesquisas. O mercado consumidor de produtos agroecológicos de Porto Alegre e instituições de apoio à agroecologia de Dom Pedro de Alcântara também foram pesquisados. A metodologia consistiu na aplicação de questionários e em anotação à parte de informações relevantes colhidas em campo. As análises dos resultados confirmaram a hipótese de que o agricultor após a transição para a agroecologia, além de mudar sua base produtiva, desenvolveu uma visão empresarial para a atividade.

Palavras-chave: Agricultor; Agroecologia; Consumidor; Mercado; Produção; Transição; Visão Empresarial

ABSTRACT

The development of agroecology in Rio Grande do Sul is intimately related to familiar agriculture. Lacking resources to face modern agriculture, strongly characterized by capital and technology, familiar agriculture finds in agroecology the means to restore and preserve its social and economic importance. This research project works with ecological family farmers from Dom Pedro de Alcântara and the hypothesis that, when changing agricultural type from conventional into ecological, farmers change their productive process adopting an enterprising behavior towards their new activity. First, theory references were set comprehending the history of agroecology, concepts, the relation between agroecology and familiar agriculture, issues related to the trading of ecological products and the types of research carried out. The consumer market of agroecological products in Porto Alegre and the agroecological supporting institutions in Dom Pedro de Alcântara have also been researched. The methodology consisted of questionnaires and field observation. The results analysis confirmed the hypothesis of an enterprising vision, besides a production basis change, developed by the farmer after the transition to agroecology.

Keywords: Farmer; Agroecology; Consumer; Market; Production; Transition; Enterprising Vision.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Localização de Dom Pedro de Alcântara e Municípios Limítrofes	17
----------	--	-----------

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Dados Socioeconômicos	18
Tabela 2	Locais de Comercialização em Porto Alegre	19
Tabela 3	Dados das Propriedades Agroecológicas	43
Tabela 4	Motivo e Influência na Transição para a Agroecologia	45
Tabela 5	Produção Agrícola de Dom Pedro de Alcântara em 2007	46
Tabela 6	Propriedade: Área Total e Área Plantada	51
Tabela 7	Mão-de-Obra na Propriedade	52
Tabela 8	Comercialização Agroecológica	54
Tabela 9	Administração da Atividade Agroecológica	55
Tabela 10	Assistência Técnica ao Agricultor Ecológico	56
Tabela 11	Dados Gerais dos Consumidores	63

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1	Propriedade Agroecológica de Dom Pedro de Alcântara	44
Fotografia 2	Banana Colhida em Propriedade Agroecológica	47
Fotografia 3	Produção de Tomate ao Ar Livre	48
Fotografia 4	Produção de Tomate em Estufa	49
Fotografia 5	Produção de Cana-de-Açúcar Ecológica	50
Fotografia 6	SAF Ecológico: Banana e Palmeira Juçara	51
Fotografia 7	Rede de Distribuição de Água em Estufa	53

LISTA DE ABREVIATURAS E DE SIGLAS

ACERT	Associação dos Colonos Ecologistas de Torres
APELCAM	Associação dos Produtores Ecologistas da Luz do Canto dos Magnus
CEI	Centro Ecológico Ipê - Núcleo Litoral Norte
COREDE	Conselho Regional de Desenvolvimento
CPT	Comissão Pastoral da Terra
ECOVIDA	Rede Ecovida de Agroecologia
EMATER/RS	Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica de Extensão Rural
ESEF	Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
FASE	Federação dos Órgãos para Assistência Social e Econômica
FEE	Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser
GESA	Grupo de Ecologistas do Santo Anjo
ha	Hectare - Unidade de Área
IBGE	Instituto Brasileiro de Economia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MAECA	Movimento Agroecológico da América Latina e Caribe
ONG	Organização Não Governamental
PIB	Produto Interno Bruto
PRONAF	Programa Nacional da Agricultura Familiar
PTA	Projetos de Tecnologias Alternativas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 PROBLEMA	13
1.2 HIPÓTESE	13
1.3 OBJETIVO	14
1.3.1 Objetivo Geral	14
1.3.2 Objetivos Específicos	14
1.4 JUSTIFICATIVA	15
1.5 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	16
1.5.1 Localização Geográfica de Dom Pedro de Alcântara	17
1.5.2 Aspectos Geográficos Gerais de Dom Pedro de Alcântara	18
1.5.3 Dados Socioeconômicos	18
1.5.4 Locais de Comercialização em Porto Alegre	19
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	20
2.1 AGROECOLOGIA: UM BREVE HISTÓRICO	20
2.2 AGRICULTURA FAMILIAR	23
2.3 AGROECOLOGIA COMO ATIVIDADE PRODUTIVA E GERADORA DE RENDA PARA A AGRICULTURA FAMILIAR	26
2.4 ORGANIZAÇÃO PRODUTIVA, COLOCAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS AGROECOLÓGICOS	28
2.5 PESQUISA QUALITATIVA, QUANTITATIVA E ANÁLISE	30
3 METODOLOGIA	34
3.1 LEVANTAMENTO DE DADOS	34
3.1.1 Levantamento de Dados Junto aos Produtores	35
3.1.2 Levantamento de Dados Junto à Associação de Produtores Agroecológicos .	37
3.1.3 Levantamento de Dados Junto a Instituições Públicas e Instituição Privada.	37
3.1.4 Levantamento de Dados Junto a Consumidores	38
3.2 ETAPA DE CAMPO	39
3.3 TRATAMENTO DOS DADOS	40
3.4 RESULTADOS ESPERADOS	41
4 RESULTADOS E ANÁLISES	42

4.1 PRODUTOR	42
4.1.1 Propriedade	42
4.1.2 Atividade Agroecológica	44
4.1.3 Produção, Renda e Trabalho	46
4.1.4 Assistência Técnica	56
4.1.5 Educação	57
4.1.6 Atividade e Reconhecimento Social	57
4.1.7 Qualidade de Vida e Futuro da Atividade na Propriedade	58
4.1.8 Observações sobre os Produtores	59
4.2 ASSOCIAÇÃO DE PRODUTORES AGROECOLÓGICOS	60
4.3 INSTITUIÇÕES QUE SE RELACIONAM COM A AGROECOLOGIA	61
4.4 CONSUMIDOR	63
4.5 GARGALOS DA PRODUÇÃO E DA COMERCIALIZAÇÃO	65
4.6 INFRA-ESTRUTURA DE DOM PEDRO DE ALCÂNTARA	66
5 DISCUSSÕES	67
5.1 PRODUÇÃO	68
5.2 MERCADO	74
6 CONCLUSÕES	75
REFERÊNCIAS	78
ANEXOS	84
ANEXO A - Questionário do produtor	84
ANEXO B - Questionário da associação	87
ANEXO C - Questionário das instituições públicas e instituição privada	88
ANEXO D - Questionário do consumidor	89
ANEXO E - Planilha de respostas dos produtores agroecológicos e do produtor em transição	90
ANEXO F - Planilha de respostas da associação	99
ANEXO G - Planilha de respostas das instituições públicas e instituição privada	101
ANEXO H - Planilha de respostas dos consumidores	104
ANEXO I - Tabela da produção agrícola de Dom Pedro de Alcântara - ano de 2007 ..	109

1 INTRODUÇÃO

O Brasil presenciou, notadamente nas décadas de 1970 e 1980, uma forte concentração fundiária. Foi o momento da produção em larga escala voltada, principalmente, para o mercado internacional. Os pequenos agricultores familiares que já apresentavam condições menos favoráveis para produzir e colocar seus produtos no mercado viram sua situação piorar pois não conseguiam se alinhar aos procedimentos modernos de produção de alimentos. A alternativa que lhes restaram foi vender, total ou parcialmente, as suas terras ou nelas permanecerem colocando, a baixos preços, seus eventuais excedentes produtivos.

O país incentivava o incremento da produção e a adoção de tecnologias modernas. Era o momento do *boom* da soja e de outras culturas que se direcionavam, principalmente, à exportação. A propriedade rural com maior área agricultável e mais capitalizada foi a que teve as melhores condições de acolher esta nova modalidade de produção agrícola e, para ganhar escala produtiva, incorporou outras menores. Para aqueles agricultores familiares que resistiram em buscar o caminho tradicional do exodo rural em direção às periferias das cidades aparece um conjunto de alternativas produtivas, as chamadas “agriculturas alternativas”. Ormond *et al apud* Lombardi, Moori e Sato descrevem este momento:

Nos últimos anos a biotecnologia vem revolucionando a produção de alimentos. Na agricultura surgem uma infinidade de processos produtivos, inovadores, aplicados ao cultivo do campo com finalidades sociais e econômicas. A agricultura convencional, a transgênica, a natural, a orgânica, a biodinâmica, a sustentável, a ecológica, a biológica são alguns nomes utilizados, e cada um deles procura caracterizar a sua produção com um conjunto de conceitos próprios, que incluem desde fundamentos filosóficos, preceitos religiosos ou esotéricos e até a definição do tipo de insumo utilizado, num esforço de diferenciação de processos de produção e de produtos com o objetivo de aumentar a parcela de mercado ou criar novos nichos. (ORMOND *et al*, 2002 *apud* LOMBARDI; MOORI; SATO, 2003)¹.

A agroecologia vai ser a alternativa que melhor responde às necessidades dos agricultores familiares e são estes agentes econômicos e sociais os que mais se aproximam dos seus objetivos. Pela agricultura ecológica ocorre um resgate da auto-estima, melhora da capacidade produtiva, obtenção de melhor renda e otimização da qualidade de vida do produtor e de sua família.

A produção agroecológica encontra receptividade no agricultor familiar porque este percebe que existe um apelo do consumidor por estes produtos. O consumidor deseja

¹ <http://www.planetaorganico.com.br/iea-1.htm>

alimentos saudáveis, produzidos com respeito ao meio ambiente e que utilize o saber antigo na sua produção.

O produtor agroecológico se motiva ao verificar a existência de mercado para o que produz afastando um dos maiores medos que tinha quando era produtor convencional, o risco de não conseguir vender o excedente de sua produção.

Além de uma produção regada por princípios e técnicas que resgatam muito do seu saber o produtor, após aderir às práticas ecológicas e abandonar a agricultura convencional, incorpora atributos que facilitam a produção e a relação, que passa a se intensificar, com o mercado consumidor. Um desses atributos, a visão empresarial para a sua atividade, será o objeto de estudo neste trabalho de pesquisa.

1.1 PROBLEMA

A adoção da produção agroecológica pela agricultura familiar de Dom Pedro de Alcântara, além de ocasionar uma alteração na sua base produtiva, possibilitou o desenvolvimento de uma visão empresarial pelo pequeno agricultor.

1.2 HIPÓTESE

Perante uma agricultura intensiva em equipamentos e métodos de produção ficou o agricultor familiar em um segundo plano no cenário da produção agrícola e dependente, muitas vezes, do assistencialismo do poder público e de órgãos privados. Com o enfoque global de mudanças de hábitos alimentares, até para contrapor uma maciça adoção de produtos químicos na agricultura, surge a produção agroecológica como uma nova opção para a agricultura familiar. Normalmente a mudança de uma prática não vem sozinha e surgem novos fatores conseqüentes e importantes para serem analisados.

Estipulemos a hipótese de que esta nova metodologia produtiva está trazendo, também, o desenvolvimento de uma visão empresarial pelo agricultor familiar de Dom Pedro de Alcântara, notadamente quanto a utilização de novas tecnologias na produção, sensibilidade às necessidades do mercado, possibilidade de união com outros agricultores para

ganhar escala de produção ou comercialização, investimento em equipamentos e produção focada, prioritariamente, para o lucro e não para o consumo próprio.

1.3 OBJETIVO

1.3.1 Objetivo Geral

Analisar as repercussões da adoção de práticas agroecológicas, pela agricultura familiar do município de Dom Pedro de Alcântara, Estado do Rio Grande do Sul, sobretudo quanto às estruturas de produção e comercialização, visando a identificar os fatores que foram incorporados por estes produtores em suas atividades e que estejam contribuindo para o desenvolvimento de uma visão empresarial pelos mesmos.

1.3.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos da nossa pesquisa foram:

- a) levantamento da quantidade de agricultores familiares que praticam a produção ecológica no município de Dom Pedro de Alcântara a fim de verificar se a situação da atividade é crescente, decrescente ou se está estagnada;
- b) levantamento de dados dos produtores ecológicos de Dom Pedro de Alcântara e que englobe a sua família e residência, o motivo da transição da agricultura convencional para agroecologia, produção, renda, assistência técnica, formas de comercialização e outros;
- c) no caso de haver a presença de associação de produtores agroecológicos no município efetuar pesquisa de produção, colocação dos produtos, total produzido, vendas realizadas, forma de funcionamento e outros pontos para corroborar a hipótese do trabalho ou para servir como base para futuros estudos;
- d) identificar se existe algum tipo de assessoramento técnico por parte do setor público ou privado relacionado às atividades de produção, comercialização e certificação

- dos agricultores procedendo na coletas de dados de como este se configura, a posição destas instituições em relação à atividade agroecológica e a existência de programas dirigidos à agroecologia, entre outros;
- e) representação da localização geográfica do município de Dom Pedro de Alcântara;
 - f) levantamento das condições de infra-estrutura do município disponíveis aos produtores;
 - g) levantamento dos dados socioeconômicos do Município;
 - h) levantamento dos locais de vendas de produtos agroecológicos em Porto Alegre;
 - i) pesquisa junto aos consumidores de produtos agroecológicos de Porto Alegre a fim de levantar o perfil, verificar suas opiniões em relação ao consumo e produção ecológica e como enxergam a agricultura familiar e o produtor agroecológico;
 - j) levantamento do total da produção anual agroecológica dos agricultores entrevistados e da produção anual geral (agroecológica mais convencional) do município sendo ambas discriminadas por tipo de produto. Com estes dados pode-se estabelecer análises de participação da produção agroecológica na produção agrícola de Dom Pedro de Alcântara.

1.4 JUSTIFICATIVA

Uma nova forma de se relacionar com o meio ambiente está emergindo através das sociedades contemporâneas e antigas práticas estão sendo resgatadas e valorizadas, principalmente no local de produção dos alimentos básicos, o campo. A implantação desta nova forma de relacionamento será mais significativa, rápida e eficaz se os agentes deste processo já tiverem o “saber” incorporado à sua maneira de vida e é na agricultura familiar que vamos identificar as condições ideais desta transformação.

Vivemos um momento de pleno questionamento a tudo que o homem faz ou pretende fazer e cujas conseqüências podem ou não agredir o meio ambiente e, na seqüência, a si mesmo. A agricultura familiar torna-se, desta forma, de importância ímpar dentro deste novo modo de ver o mundo e a sua preservação, e por conseqüência a preservação do seu saber, aliada a uma geração de valor pelo seu trabalho, torna-se fundamental.

Mas as modificações não ocorrem somente em um sentido e além de serem implantadas novas formas de produção que irão atender um público mais consciente e que

valoriza estas novas práticas faz-se necessário, também, adaptações por parte do produtor nas suas estruturas de produção e comercialização, na sua forma de ver a sua atividade, na forma como ele enxerga as necessidades de quem compra seus produtos sob pena de não serem atendidos os seus objetivos principais que são produzir e colocar no mercado a um preço que pague seu trabalho, gere lucro e possa lhe trazer condições melhores de vida e de reinvestimento no processo produtivo.

Com esta pesquisa podemos identificar os processos que estão ocorrendo na agroecologia de Dom Pedro de Alcântara, as transformações em curso, as formas de posicionamento do agricultor ecológico em relação ao mercado e, principalmente, a emergência de um novo produtor mais atualizado com práticas modernas de agregação de valor ao produto e comercialização da produção.

O agricultor familiar sempre teve uma relação com o mercado no sentido de neste colocar seus excedentes de produção. A agroecologia, devido a necessidade de suprir um mercado consumidor mais seletivo e que em troca se dispõe a pagar mais pelo produto que compra, agrega novos atributos em relação a agricultura familiar convencional.

Pelo trabalho de pesquisa conseguimos identificar o desenvolvimento de uma visão empresarial pelo produtor agroecológico visando a atender o consumidor e a melhorar as práticas, principalmente produtivas, em sua propriedade. Não menos importante foi trabalharmos com o produtor em transição quando identificamos as dificuldades de produção e comercialização desta categoria.

O público consumidor, cada vez mais crescente, também foi pesquisado. Tornou-se importante definir um perfil para o consumidor agroecológico, verificar como ele enxerga a agricultura familiar e os produtos ecológicos.

Foi possível, também, atestar o grau de comprometimento do setor público e privado de Dom Pedro de Alcântara com a agricultura ecológica e em transição.

O tema agricultura familiar tem sido amplamente estudado por diversos profissionais, como sociólogos, agrônomos, historiadores, entre outros, mas acreditamos que o enfoque dado, pelo olhar da Geografia, incluindo principalmente a produção agroecológica, sua importância atual e a adoção de práticas empresariais à atividade pode trazer contribuições importantes a estudos futuros como referencial bibliográfico.

1.5 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

Para nosso trabalho de pesquisa utilizamos duas áreas de estudo, o município de Dom Pedro de Alcântara onde trabalhamos com os agricultores ecológicos, instituições públicas, instituição privada e associação de produtores e o município de Porto Alegre no qual pesquisamos o consumidor de produtos agroecológicos. A estrutura fundiária de Dom Pedro de Alcântara é basicamente de propriedades pequenas utilizadas, em sua grande maioria, pela agricultura familiar.

1.5.1 Localização Geográfica de Dom Pedro de Alcântara

Situado na região nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, Dom Pedro de Alcântara é um dos municípios do litoral norte do Estado fazendo divisa com Arroio do Sal, Morrinhos do Sul, Torres e Três Cachoeiras. Suas coordenadas de localização são: latitude $29^{\circ}22'10''\text{S}$ e longitude $49^{\circ}50'59''\text{W}$.

A Figura 1 apresenta o mapa de localização de Dom Pedro de Alcântara no Estado do Rio Grande do Sul e os municípios com que faz divisa territorial.

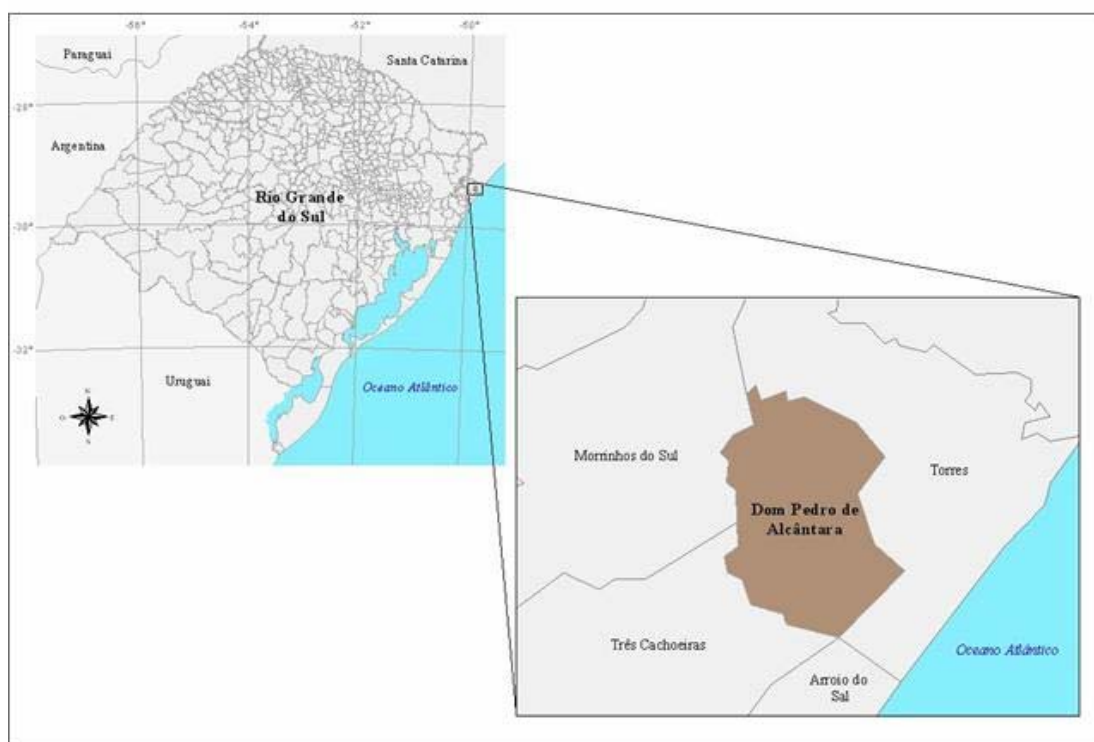


Figura 1 - Localização de Dom Pedro de Alcântara e Municípios Limítrofes

Fonte: WEBER; HASENACK, 2006.

Elaboração: Mariana Lisboa Pessoa

1.5.2 Aspectos Geográficos Gerais de Dom Pedro de Alcântara

Destacamos as seguintes características geográficas de Dom Pedro de Alcântara:

- a) tipos de solos predominantes na área de estudo: chemossolo e gleissolo;
- b) clima predominante: clima subtropical;
- c) unidade morfoescultural a que pertence o Município: Planície Costeira;
- d) temperatura média anual: 18°C;
- e) precipitação média anual: 1.800 mm;
- f) altitude da sede: 37 metros.

1.5.3 Dados Socioeconômicos

Na Tabela 1 consta os dados socioeconômicos mais importantes de Dom Pedro de Alcântara.

Tabela 1 - **Dados Socioeconômicos**

Município de origem: Torres
Data da criação: 28.12.1995 - Lei Estadual número 10.647
Ano de instalação: 1997
Área (2006): 78,2 km ²
População total (2007): 2.728 habitantes
Densidade demográfica (2006): 34,5 hab/km ²
Taxa de analfabetismo (2000): 10,64%
Expectativa de vida ao nascer (2000): 73,36 anos
Coefficiente de mortalidade infantil (2006): 0,00 por mil nascidos vivos
PIB per capita (2005): R\$ 5.341,00
População urbana (2000): 701 habitantes
População rural (2000): 1.935 habitantes
COREDE a que pertence: COREDE Litoral
Número de estabelecimentos agropecuários (2006): 562
01 municipal até a 6 ^a série do ensino fundamental
Escolas (2008): 01 municipal até a 6 ^a série do ensino fundamental
01 estadual com ensino fundamental e médio

Fonte: FEE-RS², IBGE³ e Prefeitura Municipal de Dom Pedro de Alcântara

² <http://www.fee.tche.br>

³ <http://www.ibge.gov.br>

1.5.4 Locais de Comercialização em Porto Alegre

Na Tabela 2 são apresentados os locais de comercialização de produtos agroecológicos em Porto Alegre, agrupados em feira ecológica e pontos de oferta ecológicos pela Prefeitura do município.

Tabela 2 - Locais de Comercialização em Porto Alegre

Bairro	Endereço	Projeto	Dia	Turno
Farroupilha	José Bonifácio esq. Osvaldo Aranha	Feira ecológica	sáb.	m
Floresta	Estacionamento do Shopping Total	Feira ecológica	sáb.	m
Ipanema	Rótula da igreja	Feira ecológica	quar.	t
Jardim Botânico	Próximo Pça. das Nações Unidas	Pontos de oferta ecológicos	sáb.	m
Jardim Botânico	Rua Felizardo próximo ESEF	Pontos de oferta ecológicos	sáb.	m
Medianeira	Oscar Pereira com Moysés da Cunha	Pontos de oferta ecológicos	sáb.	m
Menino Deus	Pátio da Secretaria da Agricultura	Feira ecológica	quar.	t
Menino Deus	Pátio da Secretaria da Agricultura Luiz de Camões com Paulino	Feira ecológica	sáb.	m
Santo Antonio	Chaves	Pontos de oferta ecológicos	ter.	t
São Sebastião	Ernesto Schlieper com Lazar Segall	Pontos de oferta ecológicos	sáb.	m
Tristeza	Otto Niemayer com W. Escobar	Feira ecológica	sáb.	m

Fonte: Secretaria da Indústria e Comércio de Porto Alegre⁴

Legenda: m- manhã, t – tarde, ter. – terça-feira, quar. – quarta-feira e sáb. - sábado

⁴ <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smic/>

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 AGROECOLOGIA: UM BREVE HISTÓRICO

A agroecologia é derivada de duas ciências, a ecologia e a agronomia. Cada uma delas ocupando-se de suas próprias pesquisas. A ecologia preocupa-se, preferencialmente, de estudar os sistemas naturais e a agronomia dedica-se à prática da agricultura. Conforme Gliessman (2005, p. 55): “A fronteira entre a ciência pura e a natureza, por um lado, e a ciência aplicada e o esforço humano, por outro, manteve as duas disciplinas relativamente separadas, com a agricultura cedida ao domínio da agronomia.”

No final da década de 1920 a ecologia e agronomia se cruzam quando passam a ser desenvolvidos estudos e experiências de cultivos ecológicos. Fatores importantes constavam das observações destes ecologistas no campo da agricultura, tais como onde poderiam ser feitos, ou não, os plantios e em que condições, com o uso dos atributos ecológicos, o crescimento das plantas seria melhor.

O termo agroecologia vai ser proposto por estes ecologistas na década de 1930 e o fizeram no sentido do uso da ecologia aplicada à agricultura. Deste período até a segunda guerra mundial a ecologia consolida-se como ciência e sua aplicação nas práticas agrícolas acaba ficando como função própria dos agrônomos.

Entre as várias modificações ocorridas no planeta, a partir dos conflitos mundiais da década de 1940, estava a adoção de práticas produtivas agrícolas que gerassem significativo aumento na produção, a chamada revolução verde. Esta produção agrícola, orientada por resultados, visava possibilitar o abastecimento integral do mercado global de alimentos que a cada dia se tornava mais intenso quer seja pelo aumento da população ou pela inclusão de pessoas que tinham carências alimentares significativas e que não eram atendidas. Altieri traz o que foi a revolução verde:

[...] Revolução Verde, um ideário produtivo proposto e implementado nos países centrais após o término da Segunda Guerra Mundial, cuja meta era o aumento da produção e da produtividade das atividades agropecuárias, assentando-se, para tanto, no uso intensivo de insumos químicos, variedades geneticamente melhoradas de alto rendimento, expansão dos sistemas de irrigação e, também, na intensa mecanização das ações produtivas – em síntese, uma cadeia articulada de processos e atividades que logo passaria a ser conhecida como o “pacote tecnológico” da agricultura contemporânea. (ALTIERI, 1998, p. 7).

Nesta época a ecologia se movia na direção de uma ciência pura. No final de década de 1950 o aparecimento do conceito de ecossistema redireciona a atenção para a ecologia de cultivo, denominada então de ecologia agrícola conforme coloca Gliessman :

O conceito de ecossistema forneceu, pela primeira vez, uma estrutura básica geral para se examinar a agricultura a partir de uma perspectiva ecológica, [...] (GLIESSMAN, 2005, p. 55).

Se a revolução verde visou, na teoria, suprir o mundo de suas carências de alimentos na prática ela se desenhou de outra forma. A geração de benefícios, advindos da adoção destas novas técnicas, tiveram resultados desiguais entre os agricultores. Os mais privilegiados foram àqueles que possuíam as maiores propriedades, as terras mais férteis e que dispunham de capital para suas atividades. Os pequenos agricultores, que na sua maioria não conseguiam acompanhar as mudanças que estavam ocorrendo (principalmente pelas suas carências de capital, de tamanho de área e pelo pouco poder político que tinham), foram os mais prejudicados. Estas novas tecnologias não chegaram até eles.

Este pacote tecnológico não teve como conseqüências diretas somente os produtores. O meio ambiente e tudo a ele relacionado sofreu constantes alterações. Os problemas ambientais já presentes se alastram, conforme Redclift e Goodman *apud* Altieri:

A revolução verde também contribuiu para disseminar problemas ambientais, como erosão do solo, desertificação, poluição por agrotóxicos e perda de biodiversidade. (REDCLIFT; GOODMAN, 1991 *apud* ALTIERI, 1998, p. 15).

A perda da biodiversidade atingiu áreas de extrema sensibilidade para a manutenção das espécies, entre elas a humana. Outro ponto, não menos significativo, é que este “avanço tecnológico” não conseguiu resolver o problema da fome mundial e alterar o quadro de pobres do planeta.

Na América Latina, foi na década de 1960 que a revolução verde chega com mais intensidade. Se em outros países, onde já tinha sido implantada, as conseqüências para os pequenos agricultores já se apresentavam muito mais desfavoráveis a estes em relação aos grandes proprietários de terra, no continente latino americano não foi muito diferente, sendo que os efeitos negativos foram sentidos com mais intensidade. Os países do terceiro mundo, como um todo, já sofriam com os modelos de desenvolvimento a eles impostos pelos países centrais e que resultavam em uma constante exploração de seus recursos naturais, presença de mão-de-obra desqualificada, produção agrícola na forma de monoculturas e grande número de pequenas propriedades rurais.

O esgotamento do modelo, principalmente por sua incapacidade de promover um desenvolvimento justo e sustentável, faz surgir alternativas produtivas e agrega novos referenciais à produção agrícola. “A produção agrícola deixou de ser uma questão puramente técnica, passando a ser vista como um processo condicionado por dimensões sociais, culturais, políticas e econômicas.”(CONWAY; BARBIER, 1990 *apud* ALTIERI, 1998, p. 16).

É neste contexto que a agroecologia começa a adquirir importância na produção de alimentos feita pela agricultura familiar. Contribuiu, também, para um lugar de mais destaque da agroecologia na cadeia produtiva familiar, as pesquisas que foram feitas nas décadas de 1960 e 1970 sobre a ecologia da população e de comunidades, a influência de abordagens em nível de sistemas e o aumento da consciência ambiental no mundo.

Na década de 1980 à agroecologia foi conferida a condição de ser uma metodologia e uma estrutura de conceitos que seriam referências para o estudo de agroecossistemas. Novos conceitos começaram a surgir e a serem trabalhados no meio científico e entre eles pode-se destacar o de sustentabilidade, que conforme Gliessman seria:

[...] no sentido mais amplo, a sustentabilidade é uma versão do conceito de produção sustentável – a condição de ser capaz de perpetuamente colher biomassa de um sistema, porque sua capacidade de se renovar ou ser renovado não seja comprometida. (GLIESSMAN, 2005, p. 52).

Amplificando o conceito de sustentabilidade Altieri (1998, p. 76) menciona que a sustentabilidade configura-se quando a atividade econômica supre as necessidades do presente sem limitar as do futuro.

Presentemente a agroecologia tem seu campo de influência que perpassa os limites meramente de atividade alternativa a um modelo de agricultura vigente e vai conter outras perspectivas de análise que não são somente ambientais, tais como a econômica, social e cultural. Fatores que dela podem resultar passam a ser objeto de pesquisas e estudos e entre eles pode-se destacar a valorização do agricultor, a sua inserção na sociedade de uma forma mais efetiva, a relação do produtor agroecológico com o consumidor de seus produtos, relação do produtor com o mercado e possíveis novas técnicas de comercialização que podem ser agregadas. Gliessman completa esta nova perspectiva da agroecologia ao dizer que:

[...] a agroecologia [...] é um agente para as mudanças sociais e ecológicas complexas que tenham necessidade de ocorrer no futuro a fim de levar a agricultura para uma base verdadeiramente sustentável. (GLIESSMAN, 2005, p. 56).

A conceituação atual do que é a agroecologia atinge diversos níveis e traz em si o enfoque da ciência a qual pertence seu autor, abrangendo campos do conhecimento da ciência agrônômica, social, ecológica, econômica e política, entre outras. Nenhum destes conceitos torna-se inválido, pois dentro da perspectiva da análise retratam fielmente os estudos e pesquisas realizados. Como exemplo é apresentado o conceito de agroecologia segundo Altieri *apud* Caporal.

A agroecologia é uma ciência que fornece os princípios ecológicos básicos para estudar, desenhar e manejar agroecossistemas produtivos, que conservem os recursos naturais, que sejam culturalmente apropriados, socialmente justos e economicamente viáveis. (ALTIERI, 1989 *apud* CAPORAL, 2005, p. 12)⁵.

2.2 AGRICULTURA FAMILIAR

Agricultura de subsistência, agricultura dos pequenos produtores ou agricultura de baixa produção de renda, mas o que vem a ser mesmo a agricultura familiar?

O termo “agricultura familiar” apresenta conceitos variados na literatura científica brasileira e mundial, como a citada por Pinheiro:

A definição de agricultura familiar para Lamarche (1993) e (1998) bem como para Wanderley (1996) corresponde a unidade de produção agrícola onde a família é a proprietária dos meios de produção ao mesmo tempo em que assume o trabalho no estabelecimento produtivo e organiza a produção. (PINHEIRO, 2004, p. 84)⁶.

Como fica claro por este conceito o agricultor familiar é o “senhor” das atividades na sua propriedade, organizando e dispendendo sua força braçal e mental, e de sua família, para a execução do trabalho produtivo. Entende-se, também, que estes fatores são variáveis de família para família e logo não se pode estabelecer um modelo único de agricultura familiar para todos os tipos de propriedades. Os fatores internos à propriedade como externos vão originar estas diferenciações. Como exemplo de um fator interno pode-se relacionar o nível cultural da família do agricultor e como externo, o nível de valoração no mercado do que é produzido na propriedade.

⁵ <http://www.pronaf.gov.br/dater/arquivos/Agroecologia.pdf>

⁶ <http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/bitstream/1884/1400/1/TESE-AFRAV.pdf>

Encontra-se outras caracterizações para o que seria a agricultura familiar na literatura científica, como:

[...] uma gama muito grande de tipos de camponeses que vai desde aquele que racionaliza ao máximo sua produção, que está ligado a cooperativas, e tenta ajustar-se às necessidades do mercado, minimizando ao máximo seus riscos, até o posseiro, com condições mínimas de existência, que às vezes planta para ter o que comer. (SILVEIRA, 1990, p. 231 *apud* FELÍCIO, 2006, p. 206)⁷.

Abramovay é adepto de que o final do camponês é sua extinção, pois o agricultor familiar é um novo personagem diferente do camponês tradicional, que teria assumido sua condição de produtor moderno totalmente integrado ao mercado racionalizando ao máximo sua produção. (FELÍCIO, 2006, p. 214).

A exploração familiar corresponde a uma unidade de produção agrícola, onde propriedade e o trabalho estão intimamente ligados à família propiciando a transmissão do patrimônio e a reprodução da exploração. (FELÍCIO, 2006, p. 213).

As três caracterizações anteriores se reportam, em separado, às questões da agricultura familiar segundo a sua relação com o mercado e com a exploração da terra.

Num sentido mais amplo e que abarque este dois pontos enunciados anteriormente temos Cavalcanti *apud* Aroeira e Fernandes:

[...] alguns atributos poderão ser descritos para caracterizar este tipo de exploração. O primeiro seria a relação terra versus trabalho, onde enfatiza que a atividade familiar utiliza basicamente os recursos da terra pelos membros da família e que permanecem no lar para satisfazer as demandas da exploração. O segundo se refere ao acesso limitado aos recursos da terra e capital, onde as áreas dos agricultores se encontram nas faixas baixas de posse da terra e também, predominantemente, em área com recursos naturais degradados ou com menos potencial de cultivo (solo e água). E finalmente o terceiro atributo que se refere à relação de subordinação com os mercados, onde diz que em maior ou menor grau, todos os produtores familiares estão integrados ao mercado através da venda de excedente da produção própria, venda da força de trabalho, compra de artigos de consumo, insumos e bens de capital. (CAVALCANTI, 2001 *apud* AROEIRA; FERNANDES, 2002)⁸.

Outro fator importante é o que diz respeito à origem da agricultura familiar. Originada na maioria dos casos do campesinato apresenta, contudo, diferenciação em relação a este, conforme Trentin e Junior:

A agricultura familiar tem suas raízes no campesinato, principalmente em sua forma social. Com grande destaque nas relações propriedade, trabalho e família. Porém, diferencia-se na relação econômica e isso principalmente por consequência da modernização e capitalização do setor agropecuário, que sofreu muito na história

⁷ <http://www2.uel.br/revistas/geografia/v15n1digital/artigo12.pdf>

⁸ <http://www.planetaorganico.com.br/TrabAroeira.htm>

brasileira. Deste modo, poder-se-ia afirmar que a agricultura familiar modifica-se conforme a sociedade se transforma (TRENTIN; JUNIOR, 2005)⁹.

Existem agricultores familiares cuja formação para a atividade agrícola não se deu pela transmissão de conhecimentos de geração para geração. Como exemplo temos aqueles que são egressos do meio urbano e que se tornam, por diversos motivos, produtores rurais. Este tipo de produtor é identificado diferentemente daquele que teve a sua história produtiva sempre ligada ao campo. Karam (2002)¹⁰ estabelece a diferença e conceitua este produtor que se dedica à agricultura orgânica: “(a) agricultor(a) orgânico(a) tradicional é aquele(a) que tem toda a sua trajetória de vida no mundo rural, e, o(a) agricultor(a) orgânico(a) neorural é aquele(a) cuja trajetória de vida foi, até recentemente, vivenciada no mundo urbano.”¹¹

Para finalizar a parte conceitual da agricultura familiar trazemos um conceito genérico estipulado por Lamarche (1993) *apud* Trentin e Junior (2005): “A agricultura familiar não é um elemento da diversidade, mas contém, nela mesma, toda a diversidade.”

Esta diversidade vai se caracterizar conforme Lamarche (1993, p. 22) *apud* Karam (2002): “[...] segundo as diferentes lógicas existentes nas unidades agrícolas – desde aquelas regidas somente pela demanda da família até aquela onde a produção norteia-se por uma racionalidade empresarial capitalista.”

A questão do agricultor familiar, ou de sua propriedade, serem enquadrados como empresário rural ou empresa rural torna-se necessário dentro do contexto de nossa pesquisa.

A empresa agrícola familiar é diferenciada conceitualmente em relação à agricultura familiar. Pode-se citar o que Brandenburg, Silva e Stertz estabelecem:

[...] a categoria *empresa agrícola* engloba as unidades de produção que ainda têm uma organização produtiva ancorada na família, mas a mão de obra já não é prioritariamente familiar, enquanto a categoria *agricultura familiar*, está estruturada no trabalho familiar, embora já possa contar eventualmente com alguma mão de obra contratada. (BRANDENBURG; SILVA; STERTZ, 2006)¹².

Neste sentido de elencar diferenciações temos o que Carrieri *et al apud* Schultz citam:

[...]as diferenças entre os processos de gestão de unidades de produção familiares e empresas capitalistas são fundamentais. O pequeno agricultor não organiza suas atividades produtivas tendo como fundamento principal o lucro, sendo o seu

⁹ http://www.filo.unt.edu.ar/centinti/cechim/jornadas_antrop/desenvolvimento%20e%20agroindustria%20familiar.pdf

¹⁰ <http://www.planetaorganico.com.br/TrabKaren1.htm>

¹¹ Adotaremos neste trabalho, para as situações de agricultor ecológico proveniente do meio urbano e sem vivência na agricultura, a terminologia de “agricultor ecológico neorural” como uma adaptação ao agricultor orgânico neorural de Karam (2002).

¹² <http://www.alasru.org/cdalasru2006/14%20GT%20Alfio%20Brandenburg%20Sonia%20Cachoeira%20Stertz%20Leandro%20Martins%20e%20Silva.pdf>

objetivo prioritário associado à satisfação das necessidades sociais do seu grupo familiar. Já o empresário organiza o seu trabalho buscando sempre o lucro, o melhor posicionamento dos seus produtos no mercado, conduzindo o seu empreendimento com rigor técnico, baseado na divisão eficiente do trabalho e no controle dos custos, mão de obra e capital (CARRIERI *et al*, 1993, *apud* SCHULTZ, Glauco. 2001, p. 4)¹³.

A agricultura familiar vive um momento de resgate da sua importância econômica e social no Brasil. Conforme Wanderley (2000):

[...] de vistos como os ‘pobres do campo’ e produtores de baixa renda os pequenos agricultores começaram a serem percebidos como agentes que vão trazer uma nova concepção de agricultura, diferente da que é dominante em termos produtivos, caracterizada por grandes propriedades e, também, centrada nas mãos de uma minoria. (WANDERLEY, 2000, p. 29, grifo do autor).

Parte deste resgate da importância social e econômica da agricultura familiar está acontecendo pela incorporação da agroecologia às suas atividades.

2.3 AGROECOLOGIA COMO ATIVIDADE PRODUTIVA E GERADORA DE RENDA PARA A AGRICULTURA FAMILIAR

A agroecologia veio para ser uma alternativa de um processo de produção agrícola que não contemplava a todos os produtores agrícolas, em especial os pequenos produtores familiares. Ela possibilita integrar os princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos às atividades agrícolas.

O processo de restaurar a saúde ecológica de uma ou várias propriedades rurais não é o seu único objetivo. Também objetiva a sustentabilidade que não se torna possível sem a preservação da diversidade cultural constante nos agricultores locais. O conhecimento do agricultor, normalmente a ele passado pelas gerações anteriores, vai lhe possibilitar desenvolver práticas agrícolas e emprego de tecnologias de baixo uso de insumos que se aliam ao que a agroecologia preconiza como diversidade de cultivos, otimização dos espaços, reciclagem de nutrientes, conservação da água e controle de pragas e doenças.

Altieri e Yurjevic (1991) *apud* Altieri (1998, p. 33) ressaltam a importância do conhecimento que o produtor já detém: “O conhecimento local dos agricultores sobre o

¹³ http://www.portalsa.ufrgs.br/acervo/agro_art_01.doc

ambiente, plantas, solos e processos ecológicos possui uma grande importância nesse novo paradigma agroecológico.”

O conhecimento tradicional em relação à agroecologia também vai ser destacado por Altieri e Hecht (1989) *apud* Altieri (1998, p. 37): “[...] a abordagem agroecológica provou ser culturalmente compatível, na medida em que se constrói com base no conhecimento agrícola tradicional, combinando-o com elementos da moderna ciência agrícola.”

Na década de 1980 surgem discussões, críticas e são propostas ações ao padrão agrícola dominante de desenvolvimento agrário visando, principalmente, a preservação do pequeno produtor agrícola familiar e de suas atividades. Conforme PTA/FASE *apud* Almeida:

Os novos projetos que surgem, as novas experiências de produção e de vida, mesmo que por vezes ambíguas, são chamadas pela vontade geral de responder aos “interesses do pequeno agricultor” a fim de reforçar sua capacidade de resistência na terra, consolidar sua organização, seu poder de enfrentamento frente às forças econômicas e políticas adversas, seu nível de vida e sua segurança financeira. (PTA/FASE, (1986) *apud* ALMEIDA (1999, p. 57-58). Os pontos principais dessa visão residem na “tecnologia” – como instrumento material da atividade produtiva e da comercialização – e nas “formas de organização social”. (ALMEIDA, 1999, p. 58).

Almeida também reforça a necessidade de se preservar a agricultura familiar quando diz que:

Todas as críticas portam em si uma idéia central e dominante que é a da necessidade de preservar uma certa categoria social e produtiva na agricultura: o camponês, o pequeno agricultor/produtor, o agricultor familiar e, por conseguinte, a necessidade de reorientar os sistemas produtivos e as tecnologias empregadas na direção de um reforço na capacidade econômica e de autonomia dessa categoria. (ALMEIDA, 1999, p. 58).

Fazia-se necessário que fosse dada as condições para que o agricultor familiar não permanecesse à margem do processo produtivo, não se extinguisse e que fosse resgatada a sua importância econômica e social. Os fundamentos desta nova forma de ver a agricultura familiar estavam na adoção de tecnologias, como instrumentos materiais da atividade produtiva e da comercialização dos produtos, e nas formas de organização social a serem adotadas.

O ideário agroecológico vai se estabelecer carregado de novas propostas para a agricultura visando torná-la viável nas dimensões biológica, técnica, econômica, política e social. O resultado final seria um agricultor com autonomia, solidário com as demais pessoas e com relações de respeito à natureza. A questão econômica da atividade não passou despercebida como coloca Almeida:

Os atores que se colocam como defensores da agroecologia reconhecem, entretanto, que, no curto prazo, essa proposição poderá se impor não pelos seus ideais ecológicos, mas pela sua “funcionalidade econômico-social”. (ALMEIDA, 1999).

Engajados no propósito de auxiliar na implantação desta nova tecnologia agrícola estavam empresas de assistência técnica, associações, grupos e Organizações Não Governamentais (ONGs) cuja identificação principal era com o apoio ao pequeno agricultor. A agroecologia passa a ser um dos instrumentos utilizados por estas instituições para convencer os pequenos agricultores familiares a mudarem seus padrões de produção, de comercialização e de vida. “São desenvolvidos programas de apoio como transferência de tecnologias, recuperação de técnicas tradicionais de cultivo e incentivo a troca de experiências entre os agricultores.” (ALTIERI, 1987 *apud* ALMEIDA, 1999, p. 60).

A igreja, através da sua Comissão Pastoral da Terra (CPT), cumpre papel importante atuando na formação desses agricultores dedicando-se também, conforme Almeida (1999, p. 56) na organização e na formação política dos mesmos.

A agroecologia vai trabalhar principalmente com a agricultura familiar por ser esta, conforme Carvalho, Fani e Ferreira (2005, p. 33)¹⁴: “[...] a forma de organização da produção mais próxima dos preceitos da agroecologia e, portanto, da sustentabilidade.” Este entendimento é reforçado por Assis e Romero *apud* Pinheiro:

De modo geral, são os sistemas familiares de produção que estão mais bem posicionados para implementar estas novas práticas agroecológicas, na medida em que estes possuem estruturas de produção diversificadas, a um nível desejado, passíveis de supervisão e controle do processo de trabalho. (ASSIS; ROMEIRO, 2002, p.77 *apud* PINHEIRO, 2004, p. 83)¹⁵.

2.4 ORGANIZAÇÃO PRODUTIVA, COLOCAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS AGROECOLÓGICOS

Uma das grandes preocupações dos produtores agroecológicos é a colocação e comercialização de seus produtos. Bragança, Camilo e Carvalho vão se reportar que:

[...] do ponto de vista do mercado, existe uma progressiva tendência de se aumentar o consumo de alimentos produzidos de forma ecologicamente equilibrada,

¹⁴ <http://www.pronaf.gov.br/dater/arquivos/Agroecologia.pdf>

¹⁵ <http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/bitstream/1884/1400/1/TESE-AFRAV.pdf>

socialmente justa, culturalmente adaptada às realidades regionais, ou seja, produtos característicos da agricultura ecológica. (BRAGANÇA; CAMILO; CARVALHO, 2005, p. 35)¹⁶.

Para terem condições de suprirem este aumento de consumo os produtores familiares devem superar as dificuldades que possuem quanto a comercialização e que, historicamente, os deixavam a mercê dos atravessadores. Estas dificuldades segundo Bragança, Camilo e Carvalho (2005, p. 36) seriam em função de: “[...] baixos volumes produzidos, do isolamento, da dificuldade de transporte, do desconhecimento do mercado e do baixo grau de organização [...]”.

A destinação da produção ecológica é outro ponto importante dentro da comercialização, bem como se a colocação esta respeitando os critérios que possibilitem o acesso a todos os consumidores a fim de que não se crie condições que favoreçam a uma única camada da sociedade, normalmente detentora de melhores condições de renda e instrução (CAPORAL; COSTABEBER, 2004 *apud* BRAGANÇA; CAMILO; CARVALHO, 2005, p. 36).

Com o propósito de buscar novas alternativas de produção e comercialização para a agroecologia foram instituídas as redes solidárias de produção e comercialização da qual fazem parte as associações, cooperativas, produtores ecológicos, agorindústrias que processam produtos ecológicos, cooperativas de consumidores e feiras de produtos ecológicos.

Meirelles (2002) *apud* Bragança, Camilo e Carvalho (2005, p. 38) vai se reportar que para a institucionalização de redes solidárias de produção e de circulação de produtos agroecológicos devem existir políticas públicas em funcionamento que objetivam o desenvolvimento de mercados locais, a incorporação de produtos da agroecologia familiar ao mercado institucional e a adoção de políticas de crédito distintas para a produção, transformação e comercialização dos produtos agroecológicos.

Não menos importantes, em relação à agroecologia e o mercado consumidor, são os dois questionamentos feitos por Brandenburg, Silva e Stertz:

Em que medida que a agricultura ecológica, à medida que se institucionaliza e passa a orientar a sua produção pelas regras de mercado consegue manter um conjunto de princípios que a sustentam enquanto paradigma alternativo? (BRANDENBURG; SILVA; STERTZ, 2006)¹⁷.

¹⁶ <http://www.pronaf.gov.br/dater/arquivos/Agroecologia.pdf>

¹⁷ <http://www.alasru.org/cdalasru2006/14%20GT%20Alfio%20Brandenburg%20Sonia%20Cachoeira%20Stertz%20Leandro%20Martins%20e%20Silva.pdf>

[...] qual a importância da inserção dos agricultores num movimento ecológico e da orientação de uma racionalidade que não privilegia a dimensão econômica e instrumental? Estaria gerando-se nos processos de produção em rede, conforme vem se organizando mais recentemente os agricultores ecológicos, uma racionalidade socioambiental ou prevalece a orientação clássica de uma sociedade de mercado? (BRANDENBURG; SILVA; STERTZ, 2006).

A forma de organização dos produtores familiares vai se revestir de importância a partir do momento em que através dela estes agricultores podem obter melhoras na produção e colocação de seus produtos. Bragança, Camilo e Carvalho (2005, p. 36)¹⁸ salientam que para haver uma atuação produtiva em bases ecológicas é necessário que exista o fortalecimento das organizações dos agricultores, uma maior articulação entre estas organizações, entre os produtores e as organizações, entre os produtores e entre todos estes agentes anteriores com os consumidores de produtos ecológicos.

2.5 PESQUISA QUALITATIVA, QUANTITATIVA E ANÁLISE

As pesquisas visam permitir que se possa descrever, compreender, explicar ou avaliar os fenômenos presentes nos campos de atuação das ciências. Podem ter abordagens quantitativas, qualitativas ou que contemplem estes dois enfoques.

Os pesquisadores, agentes executores das pesquisas, independentemente de seguirem as correntes qualitativa ou quantitativa apresentam elementos comuns, conforme Deslauries e Kérisit:

[...] o pesquisador se propõe uma questão e colhe informações para respondê-las; ele trata os dados, analisa-os e tenta demonstrar como eles permitem responder ao seu problema inicial. (DESLAURIES; KÉRISIT, 2008, p. 127)

Pires (2008, p. 155) vai mais além quando afirma que: “A arte do pesquisador consiste, assim, em saber tirar partido de seus dados; isto é, em construir satisfatoriamente seu problema de pesquisa e sua análise, a partir dos dados de que dispõe.”

Existem diversas diferenças entre a pesquisa qualitativa e a quantitativa e uma delas, de forma simples, seria a expressa por Pires:

[...] a pesquisa qualitativa como tal só se caracteriza tão simplesmente pelo fato de se constituir fundamentalmente a partir de um material empírico qualitativo, isto é,

¹⁸ <http://www.pronaf.gov.br/dater/arquivos/Agroecologia.pdf>

não tratado sob a forma de números; enquanto a pesquisa quantitativa faz o inverso. (PIRES, 2008, p. 90).

Günther vai utilizar o objeto de estudo para diferenciá-las:

Uma distinção mais acentuada entre a pesquisa qualitativa e a pesquisa quantitativa diz respeito à interação dinâmica entre o pesquisador e o objeto de estudo. No caso da pesquisa quantitativa, dificilmente se escuta o participante após a coleta de dados. (GÜNTHER, 2006)¹⁹.

De uma forma sintética podemos dizer que a pesquisa quantitativa utiliza técnicas estatísticas, são mais apropriadas quando formulamos as perguntas cujas respostas já nos direcionam para a resolução do problema, exista a escolha e definição do número de entrevistados e os resultados finais vão conter além das análises, gráficos e tabelas.

Especificamente sobre a pesquisa qualitativa Pires caracteriza-a, entre outros aspectos:

[...] por sua capacidade de se ocupar de objetos complexos, como as instituições sociais, os grupos estáveis [...]; por sua capacidade de englobar dados heterogêneos [...] de combinar diferentes técnicas de coleta dos dados; por sua capacidade de descrever em profundidade vários aspectos importantes da vida social concernentemente à cultura e à experiência vivida [...] (PIRES, 2008, p. 90).

Outras duas características da pesquisa qualitativa é o contato direto com o objeto de estudo através do campo e este é enfatizado não apenas como reservatório de dados, mas também como uma fonte de novas questões (DESLAURIÉS; KÉRISIT, 2008, p. 147-148).

As vantagens do uso da pesquisa qualitativa se relacionam com o objeto de pesquisa e é recomendada, entre outros motivos, quando se quer fazer uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória, é a que possibilita uma aproximação com as pessoas e suas necessidades e preocupações, ou uma de natureza descritiva que coloca a questão dos mecanismos e dos atores por meio da precisão dos detalhes. Também deve ser usada para a análise das políticas sociais ou organizacionais (DESLAURIÉS; KÉRISIT, 2008, p. 130-132).

Pode-se com a pesquisa qualitativa verificar no campo as repercursões de políticas adotadas tanto pelo setor público como por agentes privados. As questões principais virão à tona e obtem-se uma visão mais profunda e clara dos fenômenos que estão acontecendo.

Pires (2008, p. 158-194) divide as amostras qualitativas em dois grupos: por caso único ou por casos múltiplos. Por caso único entende as que são fundamentadas num corpus empírico representado no singular e que implica em se fazer um estudo profundo desse único

¹⁹ http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102377722006000200010&script=sci_artextr&thg=em

caso diferente das por casos múltiplos onde o plural e os estudos coletivos de casos são dominantes.

Quanto ao instrumental da pesquisa qualitativa Deslauries e Kérisit observam que:

Geralmente para a coleta das informações, a pesquisa qualitativa recorre à observação participante e à entrevista. Estas técnicas básicas se completam com o questionário, a fotografia, os documentos audiovisuais (filme, vídeo), a observação dos lugares públicos, a história de vida, a análise de conteúdo. Desejando vivamente recolher o máximo de informações pertinentes, os pesquisadores combinam, usualmente, várias dessas técnicas. (DESLAURIES; KÉRISIT, 2008, p. 140).

Trabalha-se as pesquisas por entrevistas dividindo-a em dois grupos conforme o que se objetiva coletar. Pires (2008, p. 194) cita que o primeiro grupo possibilita que se conheça as ideologias ou atitudes dos indivíduos pertencentes a diferentes classes sociais, diversos meios e partidos políticos, entre outros e o segundo grupo vai se interessar pelas experiências de vida, pelas instituições e pelas práticas de vida.

O mesmo autor vai completar a caracterização do segundo grupo quando diz:

O estatuto do entrevistado é, portanto, outro. Cada indivíduo é menos o portador de um subsistema de valores, do que um *informante*, no sentido estrito do termo: necessita-se dele para obter algumas informações sobre o objeto. Trata-se, assim, de conhecer seu ponto de vista sobre o desenvolvimento dos fatos ou o funcionamento de uma instituição ou de apreendê-lo através de sua própria experiência; de dar conta de seus sentimentos e percepções sobre uma experiência vivida; de ter acesso aos valores de um grupo ou de uma época que ele conhece a título de informante-chave, etc. (PIRES, 2008, p. 194-195).

Importante, também, dentro da pesquisa qualitativa é a utilização da diversificação nas amostras por casos múltiplos.

Glaser e Strauss (1967, p. 50-63) e Michelat (1975, p. 236) *apud* Pires (2008, p. 196) creditam à diversificação como o critério principal de seleção para as amostras qualitativas por casos múltiplos. Efetivamente se o objetivo destas pesquisas é retratar um universo maior possível de situações e entender o problema levantado de uma forma global é a diversificação a forma de seleção a ser utilizada.

Finalizando a revisão bibliográfica da pesquisa temos a análise dos dados que é a etapa dentro da pesquisa que vai mostrar se os nossos resultados estão em acordo ou desacordo com a hipótese que levantamos quando do início de nossos trabalhos.

As análises quantitativa e qualitativa podem ser efetuadas utilizando-se tanto dados quantitativos como qualitativos. Usualmente utiliza-se análise quantitativa para dados quantitativos e análise qualitativa para dados qualitativos.

A importância da análise dos dados dentro da pesquisa pode ser verificada conforme mencionam Deslauries e Kérisit:

[...] a análise ocupa um lugar de primeiro plano em toda a pesquisa, mas, principalmente, na pesquisa qualitativa. Pode-se mesmo dizer que a renovação que a pesquisa qualitativa conheceu no decorrer dos últimos anos se deve aos progressos realizados na análise dos dados, a qual constituía o ponto fraco do procedimento qualitativo (DESLAURIES; KÉRISIT, 2008, p. 140).

3 METODOLOGIA

Este capítulo do trabalho demonstra os métodos utilizados para o seu desenvolvimento. São relacionados os instrumentais usados, as fontes de pesquisa, as tabulações dos dados, entre outros, que possibilitaram a construção das análises da pesquisa, resultados finais, discussões e conclusões.

3.1 LEVANTAMENTO DE DADOS

Com o propósito de se ter uma visão prévia da agroecologia de Dom Pedro de Alcântara foram acionados, antecipadamente à saída de campo, os escritórios locais da Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica de Extensão Rural (EMATER/RS) e o Centro Ecológico Ipê – Núcleo Litoral Norte (CEI). Isto possibilitou que estas duas instituições, de forma espontânea, manifestassem a vontade de exercerem o papel de facilitadores no contato com os agricultores ecológicos quando da realização das entrevistas.

Para o levantamento de dados utilizou-se entrevistas em Dom Pedro de Alcântara que tiveram como público alvo os agricultores ecológicos, agricultor em transição, instituição pública (em número de duas), instituição privada e associação de produtores agroecológicos locais. Este método foi também utilizado com o público consumidor em feiras ecológicas e em ponto de oferta ecológico de Porto Alegre, sendo que os entrevistados não foram, necessariamente, consumidores somente de produtos oriundos de Dom Pedro de Alcântara.

Os dados, tanto de natureza quantitativa como qualitativa, foram coletados através de questionários e informações adicionais obtidas em campo foram anotadas em separado pelo pesquisador.

Os modelos de questionários permitiram uma flexibilidade nas respostas pois não era para o agricultor, associação, instituições públicas, instituição privada e consumidores optarem por uma resposta pré-determinada. Isto possibilitou uma interação entre entrevistados e entrevistador facilitando um aprofundamento de algumas questões não previstas anteriormente.

A identidade dos entrevistados foi preservada por ocasião da coleta de dados e as identificações, para efeitos de pesquisa e formatação do trabalho, foram feitas usando-se atributos como produtor 1, produtor 2, consumidor 1 e outros.

Para a renda mensal houve forte resistência por parte dos agricultores em divulgá-la. As fontes intitucionais de consulta no município não possuíam esta informação e alegaram a dificuldade de obtê-la junto aos produtores. Como consequência consideramos como prejudicado este item dentro da coletada de dados e para a pesquisa.

Foi utilizado nas respostas o termo “prejudicado” para as questões levantadas onde não foi possível obter dados ou que as mesmas não eram objeto de resposta pelo entrevistado.

Devido a fatores limitantes como tempo para execução desta pesquisa, condições para deslocamento, entre outros, não foram entrevistados todos os produtores agroecológicos de Dom Pedro de Alcântara. De igual forma não foi possível entrevistar a grande parte dos consumidores de produtos agroecológicos de Porto Alegre optando-se por utilizar uma pequena amostra para a aplicação do questionário e para a pesquisa.

A coleta de dados quantitativos teve como base o ano de 2007 período para o qual foi possível obter as informações.

Em anexo ao trabalho constam os modelos de questionários utilizados nas entrevistas.

3.1.1 Levantamento de Dados Junto aos Produtores

Os dados levantados junto aos produtores agroecológicos de Dom Pedro Alcântara se relacionaram a:

- a) propriedade rural e visaram verificar as condições de infra-estrutura, área, condição de posse (se própria ou arrendada), situação em relação à atividade agroecológica e quantidade de pessoas que moram no local;
- b) atividade agroecológica para se obter os motivos da transição da agricultura convencional para a ecológica, quem influenciou nesta mudança, o ano em que aconteceu e se houveram retornos ou intenções de retornos para o modo anterior de produção;
- c) produção, renda e trabalho contemplando os de natureza qualitativa e quantitativa sendo estes últimos referentes ao ano de 2007 e as informações pesquisadas foram:
 - o que é cultivado ecologicamente (em toneladas) e percentual comercializado,

- a área de plantação (em hectares) e percentual da mesma em relação ao total da propriedade,
- o uso da mão-de-obra familiar na produção,
- o uso de ajuda não remunerada de outros agricultores na produção,
- o uso de trabalho contratado (formal ou temporário),
- a utilização de animal de produção,
- a utilização de trator ou animal para lavrar ou para outra finalidade,
- o compartilhamento de equipamentos,
- se ocorre processo de transformação no que é produzido gerando subprodutos destinados à comercialização ou ao consumo próprio,
- o(s) local(is) de venda dos produtos,
- se o produtor participa de alguma associação e a qual a forma de funcionamento da mesma,
- se o produtor conhece a legislação da atividade agroecológica,
- o que mudou na forma do agricultor administrar o seu negócio,
- se o produtor se preocupa com o que consumidor deseja,
- como ele vê o seu negócio atualmente,
- renda mensal com a atividade.

d) ocorrência e tipo de assistência técnica recebida de instituições públicas e instituição privada e procurou-se verificar:

- se existe assistência para a produção, comercialização e certificação,
- se existe assistência quem a fornece,
- se a Prefeitura local apoia a atividade e como,
- se necessita de algum outro tipo de assistência,
- se a produção é certificada e quem certificou,
- se avaliam que os técnicos que lhe prestam assistência conseguem trabalhar com a diversidade de produção da sua propriedade.

e) existência de escola perto da residência do agricultor e quais níveis educacionais possui sendo pesquisado, também, o grau de interesse dos familiares em frequentar a escola, tanto se a mesma estivesse localizada no município ou fora deste;

f) como se sentia sendo produtor agroecológico, se achava que era valorizado socialmente e como via os demais agricultores do município que trabalham com a agroecologia;

g) qualidade de vida familiar com a agroecologia, modificações materiais havidas e futuro da atividade na propriedade. Verificamos se a agroecologia tinha trazido mudanças materiais significativas na propriedade e no patrimônio do produtor e se ele achava que tinha melhorado a qualidade de vida sua e da família. Por último foi pesquisado como o produtor analisava a continuidade da atividade na propriedade por seus familiares, principalmente filhos, e se houvera mudança de posição a partir do momento da mudança da agricultura convencional para a agroecológica.

Foi utilizado no questionário o termo “negócio” com o sentido de englobar todas as etapas da atividade agroecológica, desde a produção até a comercialização, e para que o agricultor, quando da entrevista e resposta, se reportasse a todos os processos administrativos e econômicos nos quais ele tem autonomia de decisão e alteração.

Eventuais dados referentes a estes itens e originados nas demais categorias entrevistadas (instituições públicas e instituição privada) foram catalogados na entrevista em que apareceram sendo posteriormente tratados junto com os levantados neste tópico na ocasião das análises e discussões.

3.1.2 Levantamento de Dados Junto à Associação de Produtores Agroecológicos

Foram coletados dados junto a uma associação de produtores agroecológicos de Dom Pedro de Alcântara cuja cultura agrícola trabalhada é a banana. A abordagem da pesquisa incluiu itens como o ano da criação, a estrutura de funcionamento, o que é produzido, se existem dados do total da produção e das vendas feitas, se a mesma é certificada e em caso positivo por quem e a validade da certificação, se possui bens, se existe programa municipal, estadual ou federal de apoio, qual o sistema de colocação da produção no mercado, quais regiões ou estados que mais compram os produtos e quais as maiores dificuldades atuais da associação.

3.1.3 Levantamento de Dados Junto a Instituições Públicas e Instituição Privada

Tanto a transição para a agroecologia como a consolidação do agricultor nas atividades agroecológicas exigem que o mesmo tenha um acompanhamento para superar as barreiras de ordem tecnológica, de capital e de colocação e comercialização do que é produzido. O levantamento de dados junto as instituições públicas e instituição privada de Dom Pedro de Alcântara que se relacionam com os produtores agroecológicos possibilitou atestar o grau de comprometimento destas com àqueles agricultores.

Para tanto foram elencadas perguntas que envolveram o apoio da instituição na mudança de produção convencional para agroecológica e para a continuidade desta atividade. Entre as perguntas pode-se citar: se existiu o apoio, a forma como está ocorrendo, a existência ou não de recursos orçados para desenvolver pesquisas e prestar atendimentos técnicos, no caso de estar apoiando qual o sentimento da instituição ao contribuir para o desenvolvimento desta atividade e se a instituição percebe alguma mudança na maneira como o agricultor ecológico conduz sua atividade comparativamente a quando ele a praticava de forma convencional. Também merecem destaque as questões referentes a se o auxílio ao pequeno agricultor ecológico faz parte de uma plano abrangente da instituição ou fica restrito à unidade local, se a instituição incentivou a união dos produtores de forma associativa, quais os programas existentes e conduzidos pela instituição dirigidos para a agricultura familiar ecológica, a existência de parcerias entre estas instituições para a adoção de planos de assistência técnica para a agroecologia familiar, quais as maiores dificuldades para a atividade agroecológica em Dom Pedro de Alcântara e especificamente para a Prefeitura como ela enxerga esta atividade para o município e os benefícios que pode estar trazendo.

3.1.4 Levantamento de Dados Junto a Consumidores

A coleta de dados junto aos consumidores de produtos agroecológicos trouxe informações como nível de instrução, motivos de consumo, o conhecimento que possuem sobre a forma de produção agroecológica e como enxergam a agricultura familiar, entre outras. Através dos dados que foram coletados foi possível estabelecer, para a amostra utilizada, um perfil do consumidor agroecológico de Porto Alegre.

As entrevistas foram estruturadas apresentando os seguintes itens:

- a) local da exposição e venda dos produtos;
- b) dia da entrevista;

- c) dados do consumidor tais como idade, sexo e nível de instrução;
- d) consumo e forma de produção;
- e) olhar para o produtor familiar.

3.2 ETAPA DE CAMPO

Para a etapa de campo do trabalho, objetivando a coleta de dados por entrevistas e observações adicionais, foram feitos deslocamentos até o município de Dom Pedro de Alcântara e dentro do município de Porto Alegre. Em Dom Pedro de Alcântara o público alvo das entrevistas foi o produtor agroecológico, produtor em transição, associação de agricultores ecológicos, instituições públicas e instituição privada que se relacionam com a agroecologia. No município de Porto Alegre a pesquisa se concentrou nos consumidores dos produtos agroecológicos.

Relativo a amostragem dos entrevistados trabalhou-se com os seguintes parâmetros:

- a) para os agricultores ecológicos o percentual de entrevistados não poderia ser menor do que 50% do total existente em Dom Pedro de Alcântara. Foram entrevistados dez dos dezenove produtores agroecológicos;
- b) para produtores em transição o percentual não poderia ser menor do que 20% dos produtores enquadrados nesta situação. Entrevistou-se um produtor de um total de cinco;
- c) para a associação a escolha da qual que seria entrevistada ocorreu durante os trabalhos de campo. Optou-se por escolher uma que trabalhava com a banana e que tivesse como membros alguns dos agricultores entrevistados. A escolhida foi o Grupo de Ecologistas do Santo Anjo (GESA) que recebe a denominação de grupo mas a forma de constituição é associativa;
- d) para as instituições públicas e instituição privada deveriam ser contempladas todas existentes em Dom Pedro de Alcântara e que se relacionavam com a agroecologia. Por pesquisa prévia à saída de campo foram definidas a Prefeitura Municipal e a EMATER/RS, escritório local, ambas de constituição pública, e o CEI, ONG de caráter privado;
- e) para os consumidores de produtos agroecológicos as entrevistas foram efetuadas no município de Porto Alegre e contemplaram três pontos previamente definidos. Para

a feira agroecológica ficaram definidas as realizadas no Bairro Menino Deus (pátio da Secretaria Estadual da Agricultura) e no Bairro Farroupilha (rua José Bonifácio) e como ponto de oferta ecológico o localizado na rua Felizardo, bairro Jardim Botânico, próximo à ESEF. Os critérios para a amostragem foram um número mínimo de quinze para o total das entrevistas e esta deveria conter a maior diversificação possível relativamente a idade, grau de instrução e sexo dos consumidores, bem como para o número de entrevistados por ponto de coleta. Foram entrevistados 18 consumidores com relativo equilíbrio no número por local de pesquisa.

No tocante às observações feitas em campo foram utilizados anotações de manifestações dos entrevistados não contempladas nas entrevistas, material fotográfico e anotações feitas por análises pessoais do entrevistador.

Integra o resultado das pesquisas as observações feitas em campo relacionadas com a infra-estrutura do município, tais como transporte urbano, transporte inter-municipal, energia elétrica e condições das estradas internas ao município. A ligação e proximidade do município com aqueles de destino da produção agroecológica também foram objetos de observação e registro.

3.3 TRATAMENTO DOS DADOS

De posse de todos os dados coletados através das entrevistas, de observações feitas pelo pesquisador, de material fotográfico e de material referencial da pesquisa (mapas, livros, periódicos, artigos e outros), procedeu-se às tabulações, correlações e análises necessárias. Os dados coletados através das entrevistas e expressos tanto de forma quantitativa como qualitativa foram digitados e ordenados em planilhas do Excel de tal maneira que possibilitaram um melhor desenvolvimento das análises. As perguntas das entrevistas foram colocadas nas planilhas de forma sintética, bem como as respostas obtidas não deixando, contudo, de expressarem a verdadeira opinião dos entrevistados.

Na planilha referente a entrevista com os agricultores consta, para o produtor em transição, os dados referentes aos produtos que ele obtém segundo as práticas agroecológicas. O que ele produz de modo convencional não foi coletado. Destas planilhas bases foram geradas outras, condensadas e com as questões julgadas mais importantes para fazerem parte

das análises da pesquisa. Algumas informações coletadas nas entrevistas foram desconsideradas para o resultado e análises por julgarmos que não contribuíam para o resultado da pesquisa.

Para o tema produção, renda e trabalho do questionário dirigido ao agricultor ecológico e em transição foram discriminados em planilha somente as culturas e subprodutos informados pelos entrevistados. Também referente a este tópico foi utilizado nas respostas o termo “consumo próprio” quando existe a produção mas ela é voltada para a subsistência da família do agricultor e “troca” quando se destina, além do consumo próprio, para troca com outros agricultores por outros produtos.

Nos resultados nos detivemos em analisar as culturas agroecológicas com maior participação no total agroecológico e geral do município.

As análises foram feitas tanto de forma qualitativa como quantitativa e envolveram os dados qualitativos e quantitativos coletados no campo.

3.4 RESULTADOS ESPERADOS

A análise dos dados, bem como eventuais formatações dos resultados, permitiram verificar se a hipótese de que a mudança da agricultura convencional para a agroecológica em Dom Pedro de Alcântara resultou em um desenvolvimento da visão empresarial do pequeno agricultor familiar fosse comprovada ou não..

Pelo material bibliográfico pesquisado e levando-se em consideração a evolução no consumo destes produtos, a diversificação hoje encontrada nos locais de venda, a forma de organização social e produtiva dos agricultores, entre outros, verificamos que o trabalho de pesquisa confirmou a hipótese levantada.

4 RESULTADOS E ANÁLISES

4.1 PRODUTOR

A informação que obtivemos nas instituições públicas e na instituição privada de Dom Pedro de Alcântara foi de que existiam em torno de seiscentos agricultores no município e destes dezenove eram agroecologistas e cinco em transição da agricultura convencional para a ecológica. Os dados do censo agropecuário do ano de 2006 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelam o total de 562 estabelecimentos agropecuários ocupando uma área de 25.576 hectares mas não há menção da quantidade dos que praticam a atividade agroecológica ou que se encontram na fase de transição para a agroecologia. A agroecologia é uma atividade em ascensão em Dom Pedro de Alcântara e a procura por informações sobre a atividade tem sido uma constante junto aos atuais produtores ecológicos do município.

4.1.1 Propriedade

Na tabela 3 constam os resultados mais significativos em relação a propriedade. A predominância do tipo de posse é de propriedade própria (90,91%) em relação a propriedade com área própria e arrendada (9,09%). Este fato é explicado pela transferência de propriedade de uma geração para outra, procedimento que faz parte da cultura da agricultura familiar, e pelos processos de venda quando por herança esta é desmembrada entre todos os herdeiros e um ou mais acabava ficando com a área toda ou com uma parte maior que a inicial e ressarcia financeiramente os que lhes passaram o direito de posse.

O tamanho das propriedades apresenta significativo equilíbrio na amostra estudada considerando-se os intervalos estabelecidos. Três intervalos apresentam mesmo percentual de participação (27,27%) em relação ao total. Se considerarmos o intervalo de 10,01 hectares até 15 hectares (duas propriedades) e acima de 15,01 hectares (três propriedades) temos que estes representam juntos 45,46% do total das propriedades. São áreas de tamanho expressivo se comparadas com as menores que predominam na pesquisa.

A área de cada propriedade utilizada com a agroecologia será mostrada posteriormente e consta da Tabela 6.

Tabela 03 - Dados das Propriedades Agroecológicas

Propriedade	Freqüência das respostas	Porcentagem
Própria	10	90,91
Própria e arrendada	1	9,09
Total	11	100,00
Tamanho		
de 1 a 5 ha	3	27,27
de 5,01 a 10 ha	3	27,27
de 10,01 a 15 ha	2	18,19
acima de 15,01 ha	3	27,27
Total	11	100,00

Fonte: pesquisa de campo

Nota: instituídos, pelo autor, intervalos de tamanho das propriedades baseados nas respostas dos produtores

É importante destacar que a maior parte das propriedades apresenta áreas com declives limitando, assim, as práticas agrícolas. Devido a estas limitações predomina a bananicultura, praticada principalmente nas encostas dos morros.

Outro ponto elencado neste item e que trazemos para abordagem no trabalho é o referente a infra-estrutura presente nas propriedades visitadas e nas residências dos agricultores. A presença de energia elétrica foi constatada em todas as propriedades, bem como o uso de fossa séptica e a presença de telefone celular no núcleo familiar. A energia elétrica vai ser importante não somente pelo aspecto das possibilidades de melhora nas condições de vida do agricultor mas, também, no seu uso para as atividades de produção. O uso da fossa séptica demonstra que o agricultor está inserido efetivamente dentro do contexto agroecológico (respeito ao meio ambiente) e de cuidados com a saúde familiar. Presenciamos, para aquelas residências em que foi possível observar, a utilização de eletrodomésticos normais como televisão colorida, refrigerador e fogão a gás sendo que em algumas verificou-se a existência de freezer e forno de microondas, o que denotam os resultados econômicos que a atividade agroecológica está trazendo para o conforto da família.

A Fotografia 1 mostra parte da plantação de hortaliças e da área preservada com vegetação nativa em uma das propriedades agroecológicas de Dom Pedro de Alcântara.



Fotografia 1 - **Propriedade Agroecológica de Dom Pedro de Alcântara**
Arquivo do autor, 2008.

4.1.2 Atividade Agroecológica

O motivo da transição da agricultura convencional para a agricultura ecológica e quem influenciou para esta mudança são fatores muito importantes na pesquisa e constam da Tabela 4. As questões foram propostas para os agricultores deixando a possibilidade de que o motivo ou influência pudessem receber mais de uma resposta.

Neste contexto tivemos que na questão “motivo” houveram fortes percentuais de respostas para a saúde do trabalhador (33,33%) e para a melhora de renda na atividade (37,50%). Para as questões ligadas à saúde os entrevistados relataram das dificuldades que tinham para trabalhar na agricultura convencional devido a forte presença de substâncias químicas. Alguns comentaram o dispêndio financeiro que tinham para tratar os problemas de saúde quando ainda eram agricultores convencionais.

O motivo “melhora da renda” além de ter sido o que teve maior frequência de respostas foi, também, o primeiro elencado pelos agricultores. Foi enfatizado que a renda não melhorara somente por conseguirem vender o produto ecológico a um preço melhor, o custo de produção era menor a partir do momento em que as atividades agroecológicas na propriedade já estavam totalmente implantadas (superada a fase de transição).

Este fato pode ser verificado pela informação de um dos produtores de que o custo para produção de um hectare/ano de banana agroecológica girava em torno de R\$ 600,00 a R\$ 700,00 reais. Em contra-partida para a produção convencional era de R\$ 2.000,00 reais por hectare/ano. Apesar da produtividade ser menor pela prática agroecológica (em torno de 500 kg/ha/mês contra 2.000 kg/ha/mês da convencional) o resultado final financeiro era mais favorável ao produto ecológico.

Um dos entrevistados não era agricultor antes de desenvolver a agroecologia. Oriundo do meio urbano tornou-se agricultor por opção. Este agricultor é um exemplo do que denominamos de agricultor ecológico neorural (vide título 2.2).

Para a influência que o produtor teve na mudança da agricultura convencional para a agroecológica o CEI foi o que teve a maior frequência de respostas (44,44%) seguido da Pastoral da Igreja Católica de Dom Pedro de Alcântara com 22,22%.

Tabela 4 - **Motivo e Influência na Transição para a Agroecologia**

Transição	Frequência das respostas	Porcentagem
Motivo		
Saúde Produtor	8	33,33
Melhor renda	9	37,50
Preservação do meio ambiente	4	16,67
Outros	3	12,50
Total	24	100,00
Influência para mudança		
Pastoral da Igreja Católica	4	22,22
EMATER	3	16,67
CEI	8	44,44
Outros	3	16,67
Total	18	100,00

Fonte: pesquisa de campo

O mais antigo agricultor ecológico fez a transição no ano de 1992. Egresso da pecuária de leite buscou na agroecologia uma fonte de valorização profissional e principalmente econômica já que o preço do leite aliado ao dispêndio da força de trabalho não compensava manter-se na atividade leiteira. O último agricultor familiar que fez a opção pela agroecologia teve a fase de transição concluída no ano de 2005.

O agricultor entrevistado como pertencente ao grupo dos que estão em processo de transição apresenta significativas dúvidas se retorna em definitivo ou não para o modo convencional. Ele retornou parte de sua produção para o modo convencional em 2006 e hoje conta com somente 30% da produção de banana na forma ecológica.

4.1.3 Produção, Renda e Trabalho

Para a montagem da Tabela 5 retiramos da planilha de entrevista com os produtores somente aqueles produtos que se destinam à comercialização e para os quais foi possível coletar a quantidade produzida em 2007. A coluna “produção agroecológica (t)” da tabela representa a produção agroecológica dos produtores entrevistados. Não foi possível obter-se o total da produção agroecológica do município. Para os dados da produção do município foram informadas na planilha aquelas culturas agrícolas que tinham similares na produção agroecológica. Estes dados foram obtidos junto a EMATER/RS local e constam de planilha anexada ao trabalho. Para alguns produtos não conseguimos a produção total no município.

Outra observação importante em relação a esta tabela é que a EMATER/RS repassou-nos a produção de banana do município separada pelo tipos “branca” e “caterra”. Como não conseguimos coletar desta forma junto aos agricultores entrevistados optamos por calcular a participação da banana ecológica em relação à soma dos dois tipos informados.

Tabela 5 - Produção Agrícola de Dom Pedro de Alcântara em 2007

Produto	Produção Agroecológica(t)	Produção total do município (agroecológica mais convencional) (t)	Participação agroecológica no total do município (%)
Aipim	2,40	300,00	0,80
Banana	132,00	11.400,00	1,16
Beringela	9,90	30,00	33,00
Beterraba	1,00
Cana-de-açúcar	36,00	6.000,00	0,60
Cenoura	1,20
Mamão	0,10
Melão espanhol	6,00
Morango	1,13
Pimentão	0,30	13,00	0,96
Tomate	27,50	420,00	6,55
Uva	0,80
Total	218,33

Fonte: pesquisa de campo e EMATER/RS de Dom Pedro de Alcântara
Adaptado pelo autor

A bananicultura é a atividade agroecológica com maior produção anual (132 toneladas) representando 1,16% do total produzido no município. Este fato se justifica por já estar a produção de banana presente no município em décadas anteriores à implantação da agroecologia. Se tornou mais prático a conversão para a agroecologia daquele produto que o agricultor já manipulava de forma convencional. O que deveria mudar seria o não uso dos

insumos químicos e a implantação de outras técnicas próprias à agroecologia, bem como desenvolver outras áreas relacionadas à produção e à comercialização.

Não vamos nesta pesquisa nos reportarmos com maiores detalhes ao motivo da presença da bananicultura e de outras culturas no município, mas favoreceu os fatores climáticos, tipos de solos e a utilização das encostas dos morros, relevo freqüente nesta região.

Na coleta de dados a bananicultura estava presente em dez das onze propriedades visitadas sendo que em nove se direcionava integralmente para a comercialização e em uma era para consumo próprio devido a baixa produção. Na propriedade que não tinha a cultura da banana agroecológica era desenvolvida a produção da cana-de-açúcar e de seus derivados.

A Fotografia 2 mostra parte da colheita de banana ecológica feita no dia da entrevista com um dos produtores agroecológicos.



Fotografia 2 – **Banana Colhida em Propriedade Ecológica**
Arquivo do autor, 2008

O tomate ecológico aparece como terceiro produto de maior participação dentro do total agroecológico (27,5 toneladas) e representa 6,55% do total do tomate produzido no município. Em crescente desenvolvimento esta atividade tem despertado o interesse dos agricultores ecológicos que buscam em primeiro lugar uma alta rentabilidade com o produto. A produção está presente em cinco das onze propriedades visitadas sendo que em quatro delas o sistema de cultivo é em estufa e na outra parte é em estufa e parte com a planta exposta ao tempo. A metodologia de plantio em estufa pelos agricultores visa ter o tomate na entressafra

quando a cotação no mercado de produtos agroecológicos atinge grande elevação. Os produtores ecológicos de Dom Pedro de Alcântara que trabalham com o tomate organizaram uma associação de cunho informal e com a intenção, entre outras, de planejarem as suas produções para que não falte produto para colocação no mercado. O cultivo de tomate ecológico é recente no município e apesar de terem assistência técnica existem procedimentos na produção que estão sendo adaptados e alterados. Identificamos como exemplos: estufa localizada próxima a árvores causando sombreamento e estufas em parte da propriedade que apresenta declive mais acentuado dificultando o gotejamento no pé do tomate (a água corre e não chega a penetrar no solo).

A Fotografia 3 mostra uma produção de tomate ecológico exposta ao tempo e em área anteriormente ocupada pela cana-de-açúcar. A forma de produção em estufa é mostrada na Fotografia 4.



Fotografia 3 - Produção de Tomate ao Ar Livre
Arquivo do autor, 2008.



Fotografia 4 - **Produção de Tomate em Estufa**
Arquivo do autor, 2008.

A beringela é o produto que apresentou o maior percentual de participação agroecológica (33%) em relação ao total produzido por cultura agrícola no município. O maior produtor agroecológico detém 97% da produção e este elevado percentual é explicado pela forte presença do produto na propriedade quando praticava a agricultura convencional. Ao fazer a transição para a agroecologia adaptou-o às técnicas produtivas ecológicas.

A cana-de-açúcar é outro produto que merece ser destacado no conjunto daqueles produzidos pelos agricultores ecológicos de Dom Pedro de Alcântara. Dois agricultores entrevistados trabalham com esta cultura agrícola. Um deles utiliza a produção integralmente para a transformação em melado, açúcar mascavo e suco para posterior comercialização. O outro utiliza 90% do que produz para comercializar sendo a parcela maior entregue ao agricultor anterior e uma pequena parte para os engenhos do município. Neste produto encontramos a mesma situação em relação a banana. Os dois trabalhavam fortemente com a pecuária de leite e tinham na cana-de-açúcar uma das principais fontes de alimento para o gado. Ao fazerem a conversão para a agroecologia foram adaptando às condições de produção ecológica a cultura da cana-de-açúcar já produzida no modo convencional.

A cana-de-açúcar ocupa o segundo lugar na participação do total da produção agroecológica (36 toneladas) e representa 0,6% do total do município. A Fotografia 5 mostra parte de uma produção ecológica de cana-de-açúcar de Dom Pedro de Alcântara.



Fotografia 5 - **Produção de Cana-de-Açúcar Ecológica**
Arquivo do autor, 2008.

Na Tabela 6 trabalhamos com o total da área de cada propriedade, área plantada e porcentagem da área plantada em relação ao total.

Os maiores percentuais de utilização da área total recaem, na sua maioria, sobre as propriedades até cinco hectares, as menores da pesquisa, e os de menor utilização para com áreas acima de dez hectares, à exceção da propriedade 9.

Estes percentuais se justificam pelo tipo de exploração econômica da propriedade e pelos princípios da agroecologia. O agricultor busca sempre aumentar sua produção para assim obter melhor renda e para isto necessita explorar a terra que possui. Em uma área menor maior será o percentual de exploração, respeitadas certas limitações, e em uma área maior o agricultor por falta de recursos para aumentar sua área plantada ou por limitações operacionais, como pouca mão-de-obra e falta de equipamentos, vai explorá-la menos. Acrescente-se a isto o fato de que para estar enquadrado como produtor agroecológico e possuir certificação existe a necessidade de preservação de áreas sensíveis na propriedade, os ecossistemas, o que diminui as possibilidades de plantio. A preservação dos ecossistemas nas propriedades vai propiciar a manutenção do equilíbrio biológico na produção agrícola e reduzir os custos da produção ecológica.

A propriedade 7 apresenta a menor utilização (25%) da área total com a agroecologia. Este baixo percentual é justificado primeiramente pelo fato de que o agricultor preserva uma pequena área utilizada por cabeças de gado leiteiro ainda presentes na propriedade. Outro motivo é que verificamos a existência de núcleos de mata nativa ocupando boa parte da

propriedade. O segundo menor percentual de utilização (37,76%) refere-se a área onde são desenvolvidas atividades ecológicas relacionadas com os Sistemas Agroflorestais²⁰ (SAF) conforme mostrado na Fotografia 6. Este produtor planta a banana e a palmeira juçara neste sistema.

Tabela 6 - Propriedade: Área Total e Área Plantada

Propriedade	Área (ha)	Área Plantada (ha)	Área plantada em relação à área total (%)
Propriedade 1	9,0	3,5	38,89
Propriedade 2	9,0	5,2	57,78
Propriedade 3	4,0	4,0	100,00
Propriedade 4	2,0	1,5	75,00
Propriedade 5	3,0	2,5	83,33
Propriedade 6	14,3	5,4	37,76
Propriedade 7	16,0	4,0	25,00
Propriedade 8	16,4	9,0	54,87
Propriedade 9	13,0	10,0	76,92
Propriedade 10	9,0	5,0	55,56
Propriedade 11	20,0	10,5	52,50

Fonte: pesquisa de campo



Fotografia 6 - SAF Ecológico: Banana e Palmeira Juçara

Fonte: Centro Ecológico de Ipê – Núcleo Litoral Norte, 2007.

²⁰ Segundo Nair (1982) *apud* Altieri (1998): “Sistemas agloflorestais é o nome genérico usado para descrever um sistema de uso de terras em que árvores são associadas espacialmente e/ou temporalmente com plantios agrícolas e/ou animais. Combina elementos de silvicultura e representa uma forma de uso integrado da terra particularmente adequada a áreas marginais e sistemas de baixo custo de insumos”.

Na certificação da produção sete agricultores responderam afirmativamente e dos quatro que não possuíam dois estavam com o processo em andamento, um estava pesquisando para decidir se solicitava e um não pensava no momento. No tocante às instituições certificadoras a Rede Ecovida de Agroecologia (ECOVIDA) foi mencionada sete vezes e em duas a Associação dos Colonos Ecologistas da Região de Torres (ACERT). Importante destacar que duas propriedades tiveram suas produções duplamente certificadas tanto pela ECOVIDA como pela ACERT.

A mão-de-obra dentro do contexto da agricultura familiar ecológica é um dado importante a ser analisado. Na Tabela 7 estão relacionados os tipos de mão-de-obra encontrados nas propriedades agroecológicas. Todas utilizam mão-de-obra familiar e a diferenciação entre elas vai se dar se buscam força de trabalho fora da propriedade e de que tipo.

A predominância é do tipo “familiar e contratada temporária” com nove casos. O agricultor familiar vai utilizar esta mão-de-obra em momentos específicos da produção como no plantio, tratos culturais e na colheita.

A ajuda de outros agricultores, num sistema de ajuda mútua, fato freqüente na agricultura familiar, ocorre em quatro das propriedades e vem como segunda opção da pesquisa feita.

Encontramos somente uma propriedade que utiliza a força de trabalho estritamente familiar. Isto decorre por ser a sua produção pouco diversificada e direcionada principalmente para o tomate em estufas que exige menor intensidade de mão-de-obra.

Tabela 7 - **Mão-de-Obra na Propriedade**

Tipo de mão-de-obra utilizada na propriedade	Freqüência das respostas	Porcentagem
Somente familiar	1	6,67
Familiar e contratada definitiva	1	6,67
Familiar e contratada temporária	9	60,00
Familiar e ajuda não remunerada de outros agricultores	4	26,66
Total	15	100,00

Fonte: pesquisa de campo

O uso de tecnologias mais modernas que facilitassem o trabalho do produtor e que lhe agregasse ganhos de escala na produção, quer seja pelo aumento do total produzido ou pelo ganho de tempo na execução das atividades, foi abordado quando levantou-se os dados referentes a utilização de trator próprio ou animal nas atividades da propriedade. Oito dos onze agricultores possuem microtrator, um utiliza o veículo denominado como “gerico” –

montagem e adaptação de um pequeno caminhão com motor exposto e cabine rústica (muito utilizado na região vinícola do Estado), um utiliza uma junta de bois do vizinho para lavrar a terra e um respondeu negativamente para este item. A predominância de equipamento mecânico, com grande capacidade de ajuda na produção, denota o interesse do agricultor em desenvolver suas atividades com um viés forte de melhoria na produtividade. Outra tecnologia presente nas propriedades que trabalham com o tomate foi a utilização de estufas que facilitam o controle do tomateiro em relação a doenças, a fatores climáticos adversos e permitem programar a época de produção e da colheita. A tecnologia do gotejamento para molhar os pés de tomate foi encontrada em quatro das cinco propriedades que utilizam estufas e parte do sistema de uma delas é mostrada na Fotografia 7.



Fotografia 7 - **Rede de Distribuição de Água em Estufa**
Arquivo do autor, 2008.

A agregação de valor ao que é produzido, através de transformação da cultura agrícola em subprodutos, foi medida através da verificação se haviam processos de industrialização na propriedade. Três produtores responderam afirmativamente sendo que somente um efetuava este procedimento com o objetivo comercial. Os demais utilizavam os subprodutos (compotas e geléias) para consumo próprio. A intensificação deste processo se dava com a transformação da cana-de-açúcar em melado, açúcar mascavo e suco para comercialização em feiras agroecológicas.

Quanto à colocação dos produtos pode-se verificar, pela Tabela 8, que existe um certo equilíbrio entre as feiras livres, as lojas e mercados de produtos agroecológicos. Importante destacar que houveram agricultores que comercializam seus produtos em mais de um local.

As feiras livres mencionadas encontram-se localizadas nos municípios de Torres e Porto Alegre e as lojas em Porto Alegre, Antonio Prado, Bom Princípio e Torres. Quanto aos mercados estão enquadrados nesta categoria as cooperativas de consumidores localizados em Três Cachoeiras e Torres. A categoria “intermediários” refere-se à venda que os produtores do GESA realizam para o coordenador da associação e a categoria “outros” contempla a disponibilização para engenho de açúcar do município e atacado de frutas em Porto Alegre.

Tabela 8 - Comercialização Agroecológica

Locais de comercialização dos produtos	Frequência das respostas	Porcentagem
Feiras livres agroecológicas	7	28,00
Intermediários	4	16,00
Lojas de produtos agroecológicos	6	24,00
Mercados de produtos agroecológicos	6	24,00
Outros	2	8,00
Total	25	100,00

Fonte: pesquisa de campo

Foi pesquisado se os agricultores se organizavam em torno de alguma associação de produtores ecológicos. O propósito era verificar se utilizavam a associação para melhorarem as suas produções ou para facilitar o escoamento e comercialização. Recebemos nove respostas afirmativas dos onze produtores entrevistados.

Um produtor é associado à ACERT, dois à Associação dos Produtores Ecologistas da Luz do Canto dos Magnus (APELCAM), quatro ao GESA e três à associação de tomate ecológico implantada no município. Estas associações têm caráter informal não havendo o enquadramento como pessoa jurídica e nem estruturas formais internas. Funcionam através de reuniões na casa de algum dos associados e visam, principalmente, ao desenvolvimento de ações para melhorar a produção e a comercialização dos produtos.

Outro ponto importante dentro da pesquisa de produção, renda e trabalho refere-se a forma de administração da atividade após a mudança da situação de produtor convencional para agroecológico. Pela Tabela 9 encontramos na frequência de resposta relativa a diversificação da produção para atender às necessidades do mercado consumidor a maior porcentagem (27,28%).

Fazendo uma análise mais apurada das respostas verifica-se que a exceção de três respostas (não era produtor antes, conservou a mesma forma anterior e pouco, visa ter mais renda) as demais tem como componentes principais o aumento da produção e o mercado.

Também alguns dados diferenciados em algumas respostas merecem atenção como a busca constante de informações e procura de novos mercados. São posturas incorporadas ao agricultor familiar ecológico que não existiam quando praticava a agricultura convencional.

Tabela 9 - **Administração da Atividade Agroecológica**

Mudanças na administração do negócio após se tornar produtor agroecológico	Frequência das respostas	Porcentagem
Não era produtor antes	1	9,09
Conservou a mesma forma anterior	1	9,09
Diversificou para atender o mercado	3	27,28
Diversificou pouco para produzir melhor	1	9,09
Procura produzir mais para ter renda maior	1	9,09
Busca constante de informações para melhorar produção e qualidade dos produtos	1	9,09
Produz mais porque tem colocação	1	9,09
Produz mais e procura novos mercados	1	9,09
Pouco. Visa hoje ter mais renda	1	9,09
Total	11	100,00

Fonte: pesquisa de campo

A preocupação do produtor em atender o que o consumidor de produtos agroecológicos deseja foi abordada na pesquisa. Todos os produtores responderam afirmativamente, que havia a preocupação e houve exemplificação como o caso do produtor que começou a produzir aipo e alho poró por pedido de consumidor.

A limitação ao pedido do consumidor foi salientada por dois produtores quando um se manifestou que respeitava o que a terra podia dar e o outro que respeitava o meio ambiente.

Para o levantamento feito sobre como o agricultor enxerga o seu negócio agrupamos as respostas em quatro tópicos. O primeiro refere-se ao mercado dos produtos quando relataram que estão colocando a produção a um preço melhor. O segundo, mais enfatizado, é a rentabilidade e as respostas foram que estão tendo melhores ganhos, as perspectivas são melhores, é melhor do que a agricultura convencional e deveria render um pouco mais financeiramente. O terceiro é a qualidade de vida e as respostas neste sentido foi que melhorou. O último é a atividade agroecológica cujas respostas foram: em dúvida não sabe se volta para a convencional; menos trabalhosa do que quando era convencional; dificuldade de exercer por ter outras atividades; melhor que antes porque o produtor convencional está na mão do mercado e volta de parte da produção para o método convencional.

4.1.4 Assistência Técnica

Os agricultores ecológicos entrevistados recebem assistência técnica para suas atividades, conforme discrimina a Tabela 10. A concentração maior de respostas foram para as questões relacionadas com a produção (onze) e para a certificação (nove). Pouco mais da metade dos produtores recebe assistência para a comercialização (seis produtores de onze) e este fato está coerente com o que foi observado nos comentários gerais dos produtores agroecológicos.

Estes comentários foram efetuados pelos agricultores fora das perguntas do questionário e constam do presente trabalho (vide capítulo 4.1.8). O número maior de assistências pelo CEI, tanto para a produção como para a certificação, justifica-se por ser esta instituição uma das precursoras da agroecologia no município e de estar trabalhando freqüentemente para agregar novos produtores à atividade. O CEI trabalha junto aos produtores no sentido de possibilitar a produção na forma ecológica, a melhora da produtividade, a qualidade dos produtos, colocação no mercado e orientação no processo de obtenção de certificação ou para renová-la no prazo estabelecido pela certificadora.

A EMATER/RS, com 23,07% do total das assistências supera o CEI somente no quesito comercialização, principalmente pela sua atuação como facilitadora na implantação de feiras ecológicas nos municípios consumidores.

Tabela 10 - Assistência Técnica ao Agricultor Ecológico

Assistência técnica na produção, comercialização e certificação	Freqüência das respostas	Porcentagem
Para a produção	11	40,74
Para a comercialização	6	22,22
Para a certificação	9	37,04
Total	26	100,00
Fornecedor por tipo de assistência		
CEI - produção	9	34,62
CEI - comercialização	2	7,69
CEI - certificação	9	34,62
Total CEI	20	76,93
EMATER/RS - produção	2	7,69
EMATER/RS - comercialização	4	15,38
Total EMATER/RS	6	23,07
Total Geral	26	100,00

Fonte: pesquisa de campo

Referente ao apoio da Prefeitura local na sua atividade produtiva três produtores responderam negativamente e os demais informaram que a ajuda se limitava a disponibilizar trator e funcionário para lavrar áreas indicadas pelos agricultores.

Completando este item dez produtores mencionaram que ainda necessitam de mais assistência técnica. Desses dez agricultores seis responderam que aceitam de qualquer tipo, dois para a comercialização e dois para implantação de tecnologias novas que surgissem no mercado.

4.1.5 Educação

Para a educação as questões abordadas foram quanto a existência ou não de escolas perto da residência do agricultor,. Caso existissem quais os níveis educacionais que possuem e por último qual o grau de interesse dos familiares do produtor em freqüentar a escola, mesmo que esta estivesse localizada fora do município. Obteve-se como respostas que havia escola perto de três das onze propriedades visitadas e que esta apresentava o ensino fundamental e médio. Para as demais propriedades era necessário que os familiares utilizassem ônibus escolar da Prefeitura para se deslocarem até a que estava localizada na sede do município.

Sobre o interesse dos familiares em freqüentar a escola seis produtores responderam que era grande, um respondeu que era grande somente para um dos filhos, um disse que os familiares não se interessam e para três foi considerada prejudicada esta pesquisa pelo motivo dos filhos morarem em outro lugar ou de não terem idade escolar.

4.1.6 Atividade e Reconhecimento Social

Perguntados como se sentiam sendo produtores agroecológicos tivemos como respostas que quatro se achavam satisfeitos, dois se sentiam valorizados, um motivado e valorizado, um valorizado, um não sabe se volta para a agricultura convencional, um acha que não teve muita vantagem na mudança para a agroecologia e um respondeu que se sente muito atarefado e que preferia estar somente exercendo a função de produtor. Para a questão de

como viam os demais agricultores, que fizeram a transição para agroecologia, os produtores responderam que os achavam motivados para a atividade e um respondeu que os enxergava valorizados e com maior auto-estima.

O último questionamento deste item junto aos produtores foi se achavam que eram valorizados socialmente como agricultores ecológicos. Oito responderam afirmativamente, um respondeu que não percebe a valorização, um disse que pouco e o em transição disse que se sentia valorizado quando tinha 100% de sua produção de forma ecológica.

4.1.7 Qualidade de Vida e Futuro da Atividade na Propriedade

Na abordagem referente às modificações materiais havidas com a agroecologia tivemos muitas respostas vagas, tais como “melhorou muito” e “poucas modificações até agora”. Dois produtores se estenderam nas respostas sendo que um ressaltou que melhorou a sua residência e consegue hoje pagar suas contas e o outro respondeu que houveram poucas modificações porque mudara para a agroecologia há pouco tempo.

Para a questão da qualidade de vida sua e da família a maioria respondeu que melhorou, sendo que os temas mais referidos foram saúde, renda, auto-estima e parte material. Houveram dois produtores que responderam que a melhora tinha sido pouca sendo que ambos enfatizaram que tinha ocorrido principalmente na renda agrícola.

A última questão deste item, e de todo o levantamento de dados junto aos produtores, foi referente a continuidade das atividades agroecológicas na propriedade. Nossa intenção era verificar se estariam os familiares do agricultor, principalmente os filhos, motivados a dar prosseguimento às atividades agroecológicas.

Obtivemos cinco respostas negativas sendo que os motivos envolviam desde o caso dos filhos morarem em outro lugar e não quererem retornar para Dom Pedro de Alcântara até o de quererem exercer outra profissão fora do município. Quatro produtores responderam afirmativamente sendo que não era pela mudança da agricultura convencional para a ecológica e dois destes ressaltaram que somente um dos filhos quer ficar na agricultura. Duas respostas foram consideradas “prejudicadas” visto um produtor ter filho pequeno e o outro ter respondido que não podia afirmar com certeza mas que a tendência era de que sim e que o motivo não era pela mudança para a agroecologia.

4.1.8 Observações sobre os Produtores

Nesta parte do trabalho relacionamos as observações feitas em campo e que serviram como complemento para a pesquisa. Algumas não constavam das questões propostas na entrevista ou são complementos às respostas fornecidas pelos produtores.

Importante salientar que todos os agricultores creditam à comercialização, principalmente falta de locais para venda, o maior entrave para que a atividade agroecológica do município possa atingir outro patamar de desenvolvimento. Outro ponto percebido na grande maioria dos agricultores é que almejam aumentar a produtividade e fazem constantes comparações com os níveis produtivos da agricultura convencional mais tecnificada.

A questão variável tecnológica pode ser relacionada com a econômica das propriedades quando se percebeu que aquelas que tinham algum tipo de aprimoramento tecnológico (equipamento eletromecânico por exemplo) apresentavam-se, em sua maioria, em melhores condições materiais do que as outras que não o possuíam.

O produtor de número dois tem parte de sua produção de banana ainda na forma ecológica (retornou para a convencional em 2006) e a coloca no mercado junto com a convencional da propriedade. Outra característica é que na propriedade os alimentos destinados para consumo próprio são produzidos de forma ecológica.

O único dos produtores entrevistados que pratica a agroecologia pelo SAF é o de número seis. Este é favorável ao processamento do suco do fruto da palmeira juçara porque conserva a planta em pé e melhora o rendimento financeiro da atividade agrícola. Atribui que muitos agricultores fazem a conversão para a agroecologia motivados pelo fato de terem mercado para seus produtos e pensa que estes devem ser trabalhados para olharem a agroecologia de outra forma.

Temos no produtor de número sete um exemplo de agricultor ecológico que tinha outra atividade relacionada com o campo que não a agricultura. Produtor de leite abandonou a atividade porque o rendimento era muito baixo e converteu sua propriedade para a agricultura ecológica dedicando-se, inicialmente, ao cultivo da cana-de-açúcar. Atualmente com a valorização do tomate ecológico no mercado retirou uma parte da sua produção de cana-de-açúcar ecológica e colocou no lugar uma plantação de tomate, além da que já possui em estufa, demonstrando a intenção de explorar sua propriedade de forma a gerar mais lucros

O produtor mais jovem de todos os entrevistados é o de número oito. Salientou o alto grau de cooperação que existia entre os produtores do local onde mora mas que sabia que em

outros pontos de Dom Pedro de Alcântara não era assim que acontecia. É um dos fundadores da associação que congrega os produtores de tomate ecológico do município. Ressaltou que os associados estão começando a planejar quando cada um vai plantar para que não falte produto no mercado e para que possam obter melhores preços nas vendas. A produção é direcionada para estufas a fim de alcançarem estes objetivos.

Tivemos no produtor de número dez o que mais se queixou quanto ao rendimento produtivo e financeiro da atividade. Contudo manifestou que enxergava pontos positivos com a atividade agroecológica como estar recebendo à vista pela sua produção de banana e sem haver, por parte do comprador, classificação da sua produção (classe 1, 2 ou 3) ou seja, recebia pelo peso e não pela qualidade do que produzia. Observamos que foi dos entrevistados o que mais salientou que a mudança para a agroecologia ocorreu estritamente pelo motivo econômico, para ter melhor renda. Foi, também, o que ressaltou de forma mais incisiva que precisa de mais assistência técnica para a produção. É um produtor agroecológico que fez a transição há pouco tempo e se sente ainda muito indeciso. Disse que ocorrem momentos em que pensa voltar para a agricultura convencional.

O produtor de número onze tem sua atuação profissional dividida entre produtor agroecológico, coordenador do GESA e revendedor de produtos agroecológicos. Ele compra a produção de banana dos associados do GESA e coloca no mercado. Em algumas de suas produções agroecológicas desenvolve o sistema de parceria com outros agricultores como no caso do tomate e do abacaxi. Defende que todos os produtores agroecológicos deveriam usar em suas residências somente este tipo de produto e que isto seria uma forma de desenvolver mais a atividade. Ressaltou que recebe várias visitas de agricultores convencionais para que ele explique como funciona a produção e a comercialização agroecológica. Dedicar ao custo de produção da agricultura convencional e a valorização do produto agroecológico no mercado as causas do aumento do interesse de agricultores do município em mudarem para a agroecologia.

4.2 ASSOCIAÇÃO DE PRODUTORES AGROECOLÓGICOS

A associação entrevistada congrega produtores que trabalham com a banana ecológica. Ela possui associados em oito propriedades rurais localizadas em Dom Pedro de Alcântara e quatro em Três Cachoeiras. Foi criada em 2002 e o seu funcionamento é informal ou seja, não

existe documento legal que comprove a existência da associação. Frente a isto, inexistente a figura de um presidente e sim de um coordenador que é o responsável por articular a compra, para si mesmo, da maioria da banana produzida por cada associado e por revendê-la no mercado. Cumpre o papel, também, de descobrir novos mercados para a banana ecológica.

Não existe uma certificação devido a informalidade com que se apresenta, contudo todos os associados são certificados e isto é uma das condições para que o produtor possa ingressar na associação.

Verificamos a inexistência de programa municipal, estadual ou federal de apoio à associação. O acompanhamento técnico que ela recebe, mesmo dentro da sua informalidade, é proveniente do CEI.

Não foi possível apurar o total produzido. Existem somente dados individuais e que não contemplam todos os agricultores associados já que muitos não realizam a contabilidade do que produzem.

Quanto às dificuldades apresentadas pela associação foi ressaltada que a principal seria a de trazer novos associados visto que os agricultores do município tendem a trabalharem sozinhos. O aumento do corpo de associados geraria elevação da produção que hoje é insuficiente para atender o mercado consumidor.

4.3 INSTITUIÇÕES QUE SE RELACIONAM COM A AGROECOLOGIA

As abordagens feitas com as instituições públicas e instituição privada de Dom Pedro de Alcântara, que se relacionam com a agroecologia do município, objetivaram que se tenha uma visão da atuação das mesmas junto aos agricultores e como estas enxergam as mudanças na condução da atividade agrícola pelos produtores.

A EMATER/RS e o CEI apóiam diretamente os agricultores. A Prefeitura, através da Secretaria da Agricultura, apóia indiretamente via EMATER/RS. O apoio acontece pelo CEI na execução de cursos e em orientações para comercialização em feiras, para a produção e para a certificação. Também o CEI incentiva o associativismo e a formação de cooperativas de consumidores. A EMATER/RS apóia na implantação de feiras, assistência na comercialização e produção e realização de cursos e palestras abrangendo todos os agricultores do município, sejam eles convencionais ou ecológicos.

Tanto a EMATER/RS como a Prefeitura não apresentam orçamentos ou políticas específicas para a agroecologia ou seja, não fazem distinção entre a agricultura convencional e a ecológica. O CEI tem como política institucional trabalhar com a agroecologia e os recursos para isto são provenientes de projetos aprovados em escala federal e de financiamentos internacionais.

O CEI se considera uma instituição integradora quando trabalha com os agricultores já a EMATER/RS tem como prioridade o atendimento da agricultura familiar e da sociedade em geral. A Prefeitura participa como atuante para o crescimento da atividade em sua totalidade.

No tocante a percepção destas instituições quanto as mudanças do agricultor ecológico na condução de suas atividades o CEI acha que alguns estão trabalhando em função do que o mercado deseja e outros desenvolvem mais os conceitos da ecologia. A EMATER/RS acha que a mudança foi global e vai da parte ambiental até a questão econômica, pela diminuição das despesas de produção e pela incorporação de máquinas para reduzir a utilização de mão-de-obra. A Prefeitura salientou que os agricultores ecológicos conduzem suas atividades mais motivados.

Especificamente para a Prefeitura foi colocado como esta enxerga a atividade para o município. Respondeu que achava importante porque o município tornava-se conhecido, porque motiva outros agricultores a começarem com esta atividade, porque trabalha a questão ambiental (diminui a poluição e as doenças) e porque está melhorando a renda do agricultor.

O incentivo para a união dos produtores ecológicos em torno de associação ou cooperativa recebeu resposta afirmativa e mais significativa do CEI já que esta é uma das formas que a ONG enxerga para que a agroecologia possa atender às necessidades dos agricultores e dos consumidores. A EMATER/RS fez uma tentativa neste sentido que não vingou e a Prefeitura respondeu que age através da EMATER/RS.

Quanto a questão das parcerias entre as três instituições foi verificado que é presente somente no caso da EMATER/RS e Prefeitura e ausente entre estas e o CEI.

Referente as maiores dificuldades da agricultura ecológica de Dom Pedro de Alcântara tivemos como respostas do CEI a pouca busca de informação escrita por parte do agricultor, planejamento insuficiente de alguns de seus plantios, falta de apoio municipal e o nível de formação do agricultor. Salienta que os produtores agroecológicos que tiveram formação na pastoral da juventude rural conseguem desenvolver as atividades produtivas com maior facilidade. Para a EMATER/RS a maior dificuldade é a comercialização. Existe a necessidade de abertura de novos mercados consumidores, notadamente nos municípios mais populosos próximos da capital, e de aumentar os pontos de venda nos atuais destinos da produção. Outro

fator levantado foi a resistência do agricultor em assumir financiamento oferecido pelo Governo através das diversas modalidades do Programa Nacional da Agricultura Familiar (PRONAF). Estes empréstimos são estabelecidos a juros baixos e poderiam melhorar a produção agroecológica. A Prefeitura credita ao pouco uso de equipamentos agrícolas nas propriedades a maior dificuldade da agricultura ecológica.

4.4 CONSUMIDOR

Nossa amostra foi composta de dezoito consumidores sendo seis entrevistados na feira ecológica do bairro Menino Deus, oito na feira ecológica da Redenção e quatro no ponto de oferta ecológicos do bairro Jardim Botânico (rua Felizardo próximo à ESEF). Na tabela 11 constam dados gerais destes consumidores referentes a idade, sexo e nível de instrução. Em relação a idade pode-se perceber que existe um certo equilíbrio entre todas as faixas do público consumidor. Esta situação acabou se repetindo na questão do sexo dos mesmos e foi efetivamente uma coincidência já que não houve a intenção de se entrevistar metade do sexo feminino e metade do sexo masculino. Para o nível de instrução percebe-se a predominância do ensino médio e do ensino superior, ambos com 38,89% do total.

Tabela 11 – **Dados Gerais dos Consumidores**

Dados dos Consumidores	Frequência das respostas	Porcentagem
Idade		
de 20 a 30 anos	4	22,22
de 31 a 40 anos	3	16,67
de 41 a 50 anos	4	22,22
de 51 a 60 anos	4	22,22
acima de 61 anos	3	16,67
Total	18	100,00
Sexo		
Feminino	9	50,00
Masculino	9	50,00
Total	18	100,00
Nível de Instrução		
ensino médio	7	38,89
superior incompleto	3	16,67
superior	7	38,89
pós-graduação	1	5,55
Total	18	100,00

Fonte: pesquisa de campo

Para as questões abordadas nas entrevistas com os consumidores obtivemos as seguintes respostas:

- a) alimentos saudáveis, sem agrotóxicos e naturais foram as respostas que tiveram maior intensidade quando questionados os consumidores do motivo de usarem produtos agroecológicos na alimentação. Outras respostas abrangeram a questão ambiental, a cultura da família em usar estes produtos, atitude existencial, ato de consciência e incentivo à agricultura familiar;
- b) dos dezoito entrevistados somente um não indica ou orienta freqüentemente a amigos, familiares e conhecidos o uso de produtos agroecológicos. Quinze responderam afirmativamente e para os outros dois as respostas foram que indica muito raramente e que indica muito pouco para amigos;
- c) na questão referente a se sabem como são produzidos os alimentos que compram e o esforço gasto pelos agricultores nesta atividade tivemos oito consumidores que responderam que sabem, oito que sabem um pouco e dois que desconhecem totalmente;
- d) questionados sobre os preços dos produtos as respostas foram que eram caros mais compensam pela saúde que trazem (nove casos), normais (sete casos), baratos pelo bem que trazem (um caso) e ótimos na relação custo/benefício (um caso);
- e) os produtos que o consumidor mais compra são variados e incluem hostalichas, legumes, frutas, grãos, biscoitos, sucos e erva-mate, entre outros. Algumas respostas merecem destaque como a que excluía mel e derivados por não confiar na procedência e a que excluía a compra de suco pois não adquiria produtos que não fossem “in natura”;
- f) a visão do consumidor para a agricultura familiar teve as seguintes respostas: atividade ainda de subsistência, muito necessitada de ajuda e atenção da sociedade, benéfica para a sociedade, necessária para que não haja concentração de terras, boa ocupação para quem mora no campo, com falta de mão-de-obra e produção valorizada, em processo de resgate de sua importância e opção de futuro se for agroecológica, entre outras;
- g) o nível de confiança do consumidor em relação aos produtos que compra e se acredita que são efetivamente produzidos de forma ecológica foi verificado e tivemos as seguintes respostas: dez consumidores confiam totalmente, cinco confiam somente naquelas bancas em que sempre compram e três não confiam plenamente que a procedência é ecológica ficando em dúvida várias vezes.

Pelos dados coletados traçamos o perfil da amostra de consumidores entrevistada. É um consumidor com idade acima de quarenta anos, nível de instrução de superior incompleto até pós-graduação, valoriza a saúde alimentar, não se importa em pagar mais pelos produtos agroecológicos e na questão de gênero foi representado por homens e mulheres na mesma proporção.

4.5 GARGALOS DA PRODUÇÃO E DA COMERCIALIZAÇÃO

Durante nossa pesquisa de campo identificamos alguns gargalos na produção e comercialização dos produtos agroecológicos de Dom Pedro de Alcântara. Destacamos entre eles:

- a) o intervalo de visita do assistente técnico na propriedade deveria ser menor. Este período gira, no caso do CEI, em torno de trinta dias. O CEI, maior prestador de assistência ao agricultor ecológico, não atua somente no município. A sua área de atuação é o litoral norte do Estado e parte do litoral sul de Santa Catarina e abrange, além de Dom Pedro de Alcântara, os municípios de Mampituba, Morrinhos do Sul, Praia Grande (SC), Torres, Três Cachoeiras e Três Forquilhas;
- b) casos em que o conhecimento técnico para a produção não atingiu ainda níveis satisfatórios como o tomate ecológico que está sendo trabalhado pelo produtor há pouco tempo;
- c) a produção de banana é insuficiente para atender o mercado consumidor. Uma das causas pode estar relacionada com a presença de agricultores que fizeram a transição recentemente e suas propriedades ainda não apresentam níveis produtivos satisfatórios dentro dos padrões normais da agroecologia;
- d) pouco apoio da Prefeitura local;
- e) falta de ações, projetos ou programas direcionados aos agricultores ecológicos e que tenham a participação conjunta das duas principais instituições de assistência aos produtores: o CEI e a EMATER/RS;
- f) falta de novos locais para a comercialização da produção agroecológica.

4.6 INFRA-ESTRUTURA DE DOM PEDRO DE ALCÂNTARA

O município apresenta boas condições de infra-estrutura para o desenvolvimento das atividades agroecológicas. A rede de energia elétrica abrange, além da sede, as áreas rurais do município. Estradas internas de boa qualidade, devido a ações frequentes de conservação por parte do poder público local, ligam as propriedades à sede do município e à BR-101, o que facilita o escoamento da produção em direção aos municípios consumidores.

A rede de telefonia convencional é precária sendo atendida a região da sede do município. Para áreas mais distantes a comunicação é feita por aparelhos celulares.

A rede de abastecimento de água está localizada, também, na sede do município, sendo que nas demais regiões o abastecimento ocorre através do fornecimento de uma associação de produtores local ou por uso de vertentes e poços artesianos das propriedades.

No tocante ao transporte de passageiros dentro do município e para fora deste verificamos que se apresenta de forma deficiente. Internamente o deslocamento por ônibus ocorre somente para os alunos da rede pública através de veículo da Prefeitura.

A estrutura para condução de passageiros a outros municípios ou destes para Dom Pedro de Alcântara apresenta-se deficiente. Não existe rodoviária no município e caso o destino seja centro urbano maior o passageiro deverá se deslocar até a rodoviária de Torres. Para deslocamentos aos municípios próximos, como Três Cachoeiras, Terra de Areia e Osório é necessário utilizar as linhas de ônibus que passam em Dom Pedro de Alcântara. A frequência destes ônibus é baixa e a chegada ao destino final ocorre após várias paradas para a descida e subida de passageiros.

5 DISCUSSÕES

As características vistas no capítulo “revisão bibliográfica” concernentes à agricultura familiar e agricultura familiar empresarial enfocam as questões da utilização da mão-de-obra, produção para consumo próprio e comercialização dos excedentes, organização das atividades produtivas para o lucro ou não, prioridade para a satisfação das necessidades sociais da família, controle de custos e dependência do mercado, entre outros.

O que presenciamos em campo, tanto pelas respostas das entrevistas, quanto pelas observações feitas e anotadas em separado trouxemos para nosso trabalho de pesquisa cujo enfoque é sobre o desenvolvimento de uma visão empresarial pelo pequeno agricultor familiar de Dom Pedro de Alcântara a partir da incorporação da ecologia às suas atividades de produção. Mostraremos, neste capítulo, como se materializa este desenvolvimento e a predominância da lógica empresarial em relação a alguns fatores da pesquisa. Não vamos nos deter em estabelecer os graus dessa lógica empresarial, bem como em caracterizar qual ou quais produtores possam apresentá-la de maneira mais significativa. Atestamos que ela está presente com menor ou maior intensidade.

Os resultados apresentados pelas análises que fizemos evidenciam alguns pontos importantes para os quais faremos as devidas correlações com as nossas referências bibliográficas confirmando-as ou não e mostrando as mudanças dos objetivos dos agricultores em relação às suas atividades antes praticadas.

É importante que se faça antecipadamente uma observação quanto a agricultura convencional e a ecológica. O agricultor convencional ao mudar para a agroecologia é sabedor que o preço dos produtos ecológicos é diferenciado em relação aos normais de mercado atingindo patamares maiores como ficou clarificado na pesquisa de campo quando nove dos onze agricultores responderam que fizeram a transição para a agroecologia pelo motivo de melhor renda, sendo que este foi o primeiro motivo elencado de outros respondidos. Este fato demonstra que existem outros fatores na determinação do preço de venda dos produtos agroecológicos que não seja somente os custos de produção. Especificamente os custos de produção são muito menores na agroecologia do que na agricultura convencional e por lógica seus produtos deveriam ser vendidos a um preço menor no mercado consumidor. Mas isto não acontece. Sabe-se que os alimentos ecológicos carregam a valorização de serem praticados sem o uso de agrotóxicos e de propiciarem uma melhor saúde aos consumidores, mas não estaria nestes motivos a possibilidade do produtor

agregar no preço final uma remuneração para o uso de sua força de trabalho na produção e na venda e, também, pelo uso da terra? Pelo que coletamos e observamos existe a incorporação destes fatores ao preço final.

Dividimos as discussões pelos temas “produção” e “mercado” com a finalidade de facilitar a seqüência das correlações.

5.1 PRODUÇÃO

A análise de como ocorre a produção ecológica de Dom Pedro de Alcântara torna-se importante, dentro do contexto da pesquisa, para que se possa confrontar com a da agricultura familiar convencional e, assim, procurar estabelecer as diferenças e o que foi agregado. Conforme Schultz (2001, p. 4)²¹ a produção da agricultura familiar é dirigida primeiro para o autoconsumo e surgindo eventuais excedentes estes são colocados no mercado. Este autor também coloca que no modo de produzir da agricultura familiar existem três unidades definidas que são a do trabalho, a da produção e a do consumo sendo que esta última é a que vai orientar as ações dos agricultores.

O objetivo principal dos agricultores ecológicos, verificado pela pesquisa, é a produção para a comercialização. Diferentemente da agricultura familiar convencional estes produtores não vão vender excedentes. O foco é o mercado consumidor colocando o máximo possível de todas suas produções agrícolas. Utilizam, em alguns casos, até uma pequena parte para consumo próprio mas a parte maior da produção é destinada ao mercado consumidor. Este fato já agrega uma diferenciação importante entre o agricultor familiar ecológico e o agricultor familiar convencional quando se configura que a sua motivação é a produção para abastecer o mercado e para a geração de recursos financeiros e não para compor a dieta alimentar de sua família.

Estes dados contrapõem as características mencionados por Schultz (2001) no sentido que a agroecologia de Dom Pedro de Alcântara é dirigida primeiro para a atender ao mercado e não o consumo próprio e em segundo que quem norteia as ações dos agricultores é a

²¹ http://www.portalga.ea.ufrgs/acervo/agro_art_01.doc

produção para o mercado e não a produção para atender as necessidades alimentares da família.

Outro ponto importante que merece destaque, dentro da ótica da produção, é a visão de exploração de uma única cultura ou de uma de forma mais intensa em relação às outras com o objetivo de se obter rendimentos financeiros mais significativos. Foram os casos encontrados com a banana, o tomate e a cana de açúcar. Também se manifesta esta intenção no caso da exploração em sistemas agroflorestais onde o agricultor que trabalha com este sistema está implementando o processamento do suco do fruto da palmeira juçara e não mais abate a planta para a produção do palmito. Como referido pelo mesmo: “conserva-se a planta em pé e obtém-se ganhos maiores através da produção do suco”.

Dentro da questão da produção ainda temos o exemplo do tomate ecológico. Os agricultores voltam-se para este produto pelo objetivo claro de obterem maiores ganhos e melhores lucros na atividade ecológica. Isto é demonstrado pelo agricultor que retirou parte de sua produção de cana-de-açúcar para plantar o tomate que está mais lucrativo pela excelente valorização no mercado. A racionalidade econômica de um empresário é plenamente demonstrada. Produz para gerar mais lucro mesmo que este já estivesse presente na atividade anterior. O acompanhamento do mercado e as possibilidades de geração de lucros foi o determinante da mudança. O agricultor atua na sua produção de olho no que está acontecendo na ponta da venda.

A mão-de-obra como fator importante dentro da caracterização do que seja agricultura familiar e agricultura familiar empresarial encontra diversas considerações dentro da literatura científica como em Brandenburg, Silva e Stertz (2006)²² que vão estabelecer como empresa agrícola as unidades produtivas com a organização baseada na família e mão-de-obra já não “prioritariamente” familiar e como categoria agricultura familiar àquelas estruturadas no trabalho familiar utilizando eventualmente alguma mão-de-obra contratada.

Caminhando nesta direção foi o que encontramos em nossas pesquisas em campo. Considerando tanto as propriedades ecológicas já estabelecidas como a em transição contamos vinte e sete membros das famílias trabalhando com a agroecologia enquanto entre mão-de-obra contratada de forma fixa ou temporária o número atinge dezesseis pessoas, em torno de 37,21% do total. Pode-se ver, por este percentual, que apesar de não contemplar mais de 50% do total da mão-de-obra usada a contratada ocupa significativa parcela da mesma o

²² <http://www.alasru.org/cdaldasru2006/14%20GT%20Alfio%20Brandenburg%20Sonia%20Cachoeira%20Stertz%20Leandro%20Martins%20e%20Silva.pdf>

que faz com que a familiar não seja a prioritariamente utilizada. Outro dado que vai ao encontro do estabelecimento de uma conduta empresarial do agricultor familiar ecológico de Dom Pedro de Alcântara é a existência de propriedade com empregado fixo, caso do produtor de número três.

É importante salientar que a utilização de mão-de-obra de fora da propriedade já revela uma nova postura do produtor familiar ecológico frente às suas necessidades atuais, condizente com ações de agentes econômicos que visem a preservação dos níveis de produção e qualidade ou que desejam alterar estes patamares para cima em um futuro próximo. Visualizam, também, que a relação custo/benefício em utilizar mão-de-obra externa se torna vantajosa agregando valor ao que é produzido.

A assistência técnica tanto na sua destinação quanto na intensidade em que ocorre é demonstrativo do interesse do agricultor e, também, do prestador de serviço em desenvolver as atividades agrícolas ecológicas e de trazer benefícios à produção e comercialização.

A predominância de assistência técnica para a certificação junto aos produtores, em número de nove das onze propriedades, revelam o interesse destes em colocar um produto no mercado que não deixe dúvidas no consumidor quanto a sua procedência e para que consiga atingir outros locais de venda. É importante esclarecer que alguns locais de venda somente aceitam produtos certificados enquanto outros aceitam os que estejam em processo de certificação. Sendo assim a não existência de certificação é um bloqueador para os objetivos de colocação e comercialização ecológica presentes intensamente nos produtores entrevistados.

Dentro de uma nova forma de ver a produção e a comercialização o agricultor ecológico incorpora a necessidade da assistência técnica que foi manifestada por dez dos onze entrevistados como bem vinda para as áreas de produção, comercialização e certificação.

A diversificação sempre esteve presente na agricultura familiar e visou a diminuição dos riscos que afetassem a produção e a comercialização como fatores climáticos, pragas, excesso de oferta de produto no mercado, baixa cotação, entre outros.

Neste sentido Altieri *apud* Schultz menciona que:

[...]os pequenos agricultores possuem uma lógica da diversificação e dos policultivos como estratégia, com o objetivo de obterem uma dieta diversificada, geração de renda suficiente, estabilidade, sendo a subsistência e diminuição dos riscos os objetivos principais, ou seja, é mais importante preservar a posse da terra, que é o principal meio de sustento da sua família, do que obter o melhor retorno

financeiro e maximização dos lucros (ALTIERI, 1989 *apud* SCHULTZ, 2001 p. 4)²³.

Para a agricultura ecológica a diversificação na produção ou a especialização em um ou poucos produtos adquirem outros objetivos.

O risco de colocação da produção não se configura no atual momento da agroecologia de Dom Pedro de Alcântara, salvo situações especiais e para as quais outros fatores que não a racionalidade econômica estejam prevalecendo, como no caso do agricultor em transição que abdicou de produzir a banana somente de forma ecológica porque era questionado freqüentemente quanto ao tamanho e aspecto da mesma. Os comentários dos consumidores foram de que a banana estaria fora dos padrões normais da banana ecológica que era pequena, de cor amarela para marrom e com manchas pretas. A que ele produzia era lisa, amarela clara e de tamanho médio a grande.

A diversificação acontece então por qual motivo? Pelo verificado nas entrevistas acontece para atender ao público consumidor como no caso do produtor que planta aipo e alho poró por pedido de consumidores. A diminuição da diversificação na produção com a adoção da ecologia vai no caminho da especialização produtiva visando uma melhor produtividade, qualidade melhor e conseqüente venda do que é produzido. Neste sentido a diversificação ou a diminuição dela acontece na agroecologia de Dom Pedro de Alcântara como forma de maximizar os lucros com a atividade e configura, portanto, uma ação empresarial do produtor.

A especialização produtiva vai trazer para discussão a questão de colocação mais fácil da produção no mercado e obtenção de maiores ganhos, entre outros pontos. Pode-se afirmar que a própria adoção da agroecologia é uma ação de especialização que a agricultura familiar executou. Se a agricultura convencional apropria-se do uso de produtos químicos para atingir padrões de produção maiores a agroecologia para se estabelecer vai exigir conhecimentos, técnicas específicas, normas e visão de todo o processo produtivo por parte do agricultor. Ocorre evidentes necessidades de buscar novos conhecimentos.

Casos característicos de atos de especialização voltados para o mercado em busca de lucros maiores com a atividade em Dom Pedro de Alcântara são o da banana e do tomate.

Existe uma forte procura de melhorar a qualidade da banana produzida. Ainda permanece enraizado no consumidor a questão da visibilidade do produto que adquire. Acostumado com a banana amarela, de casca vistosa, sem manchas e de tamanho maior este adere aos produtos ecológicos pelo valor que possuem para a sua saúde mas não deixa de se

²³ http://www.portalga.ea.ufrgs/acervo/agro_art_01.doc

manifestar quanto a aparência dos mesmos. Os produtores que fazem parte do GESA estão procurando melhorar a qualidade do que produzem. A maioria de suas produções é colocada em uma rede de supermercados de Porto Alegre que já se manifestou quanto a que seus clientes gostariam de ter um produto com melhor visual. A ação de atender o que seu cliente quer e de estar em sintonia com os anseios do mercado são características incorporadas pelo produtor e que são comuns aos agentes de mercado tidos como empresários.

A alta valorização no mercado do tomate ecológico fez com que hoje cinco dos onze produtores visitados trabalhassem com esta cultura. Quatro deles em estufa e um em estufa e a campo. A visão empresarial do produtor se manifesta, entre outros fatores, por se especializar em um produto que o mercado deseja e cuja produção é insuficiente para atender o mercado. Os preços altos do tomate ecológico são fortes atrativos para o produtor pois vão lhe trazer maiores lucros. Em relação ao tomate um outro fator observado é a utilização de estufas o que faz com que o produtor consiga planejar suas produções para colocar no mercado em período de entressafra quando o preço sofre forte reajuste devido a escassez de oferta.

A parceria é uma metodologia de trabalho que quando utilizada na produção visa a possibilitar que as partes envolvidas obtenham ganhos de escala em relação a situação que apresentavam antes. Identificamos um agricultor, com as culturas de abacaxi e tomate, que desenvolve partes de suas atividades utilizando-se deste método. A conjugação de esforços através da contribuição individual de cada produtor resulta no incremento produtivo de ambos. Percebe-se a absorção, pelo produtor ecológico, de uma metodologia relativa nova dentro das técnicas administrativas utilizadas por segmentos empresariais já estabelecidos no mercado produtivo geral.

Não menos importante para configurarmos a visão empresarial do agricultor ecológico na sua atividade são os atos de planejamento da atividade como um todo ou em algumas áreas prioritárias. Especificamente em relação ao tomate, objeto de produção em cinco propriedades, pode-se verificar que a instalação de uma associação, de cunho informal, que está agregando estes produtores e que visa principalmente a atividade de planejamento de suas produções a fim de obterem o maior lucro possível quando da colocação no mercado. O objetivo é evitar que haja uma super produção em algumas épocas e a escassez em outras. O uso de estufas é o forte componente para que atinjam estes objetivos. Nada mais empresarial do que acompanhar o mercado, definir prioridades, planejar tempo de produção e de colheita, utilizar meios eficazes para produzir (o uso de estufas diminui a incidência de doenças no tomateiro, consegue-se controlar alguns efeitos climáticos mais agressivos e facilita o manejo) e buscar maiores lucros.

A tecnologia é hoje um forte indutor do aumento de produção na agricultura. É através dela, respeitando-se as técnicas de produção e os propósitos da atividade, que se muda a escala produtiva de uma propriedade. No caso dos agricultores ecológicos, como já havia sido mencionado no capítulo resultados e análises, a tecnologia se faz presente através do uso de equipamento mecânico, o microtrator, utilizado para facilitar os trabalhos de plantio, tratos culturais e colheita em nove das onze propriedades. Outra propriedade utiliza um veículo denominado gerico para executar parte destas atividades e somente uma não tem equipamento para estas finalidades. A utilização de equipamento eletromecânico para a transformação do suco de cana-de-açúcar em açúcar mascavo e em melado está presente na propriedade que trabalha com esta cultura.

Outra técnica já comentada anteriormente é a de uso de estufas para aumento da produtividade, qualidade do produto e aproveitamento de períodos de entressafra. Quatro das cinco propriedades que usam estufas possuem o sistema de gotejamento para molhar os pés da planta o que demandou investimentos na canalização e bombas de recarga de água.

Exceto um produtor que já possuía microtrator os demais oito incorporaram este equipamento à propriedade a partir da prática da agroecologia. Reinvestiram parte de seus ganhos na compra deste equipamento.

De igual forma o produtor de derivados da cana-de-açúcar adquiriu equipamentos para melhorar a produção a partir da adoção da produção agroecológica em sua propriedade.

Os produtores de tomate em estufas também construíram as mesmas após o advento da prática da agroecologia. O custo médio para uma estufa de 1.000 m² girou em torno de R\$ 12.000,00.

Todos estes procedimentos tecnológicos carregam consigo o melhor aproveitamento da terra, aumento da produtividade, ganho de tempo na execução dos trabalhos, liberação de mão-de-obra familiar e contrada para outras atividades na propriedade e conseqüente aproveitamento de preços no mercado. São procedimentos racionais de enfoque econômico e gerencial utilizado pelos produtores.

Dois pontos identificados na nossa pesquisa relativos à produção merecem também serem destacados que são a busca de informação e a procura de novos mercados. Ambos foram mencionados por alguns dos agricultores ecológicos como a forma como administram suas atividades produtivas após a passagem da agricultura convencional para a ecológica e remetem, em um primeiro momento, ao atributo da ação em relação à passividade. Estes produtores estão ultrapassando o limite antes imposto à agricultura familiar de somente produzir e colocar excedentes e incorporam atitudes e posturas que lhes possam trazer

benefícios produtivos e de comercialização, nada tão diferente dos demais empresários de outros ramos de atividade.

5.2 MERCADO

A agroecologia está permitindo a inserção no mercado dos pequenos produtores familiares e estes passam a estarem integrados à dinâmica e as regras estabelecidas pelo mesmo.

Inicialmente é necessário comentar que a agricultura familiar convencional, na maioria das vezes, comercializa suas produções para os atravessadores, agentes econômicos que ficam com as margens mais significativas de lucro do que é produzido. Já a agricultura ecológica, devido ao incentivo para que o próprio produtor seja o agente que vá comercializar sua produção para o consumidor, busca eliminar este personagem de toda a sua cadeia produtiva e trabalha para que os lucros gerados pelo produtor fiquem para ele próprio.

O mercado consumidor apresenta-se para os agricultores ecológicos de Dom Pedro de Alcântara como o balizador de suas atividades produtivas. O próprio CEI, que procura incorporar outros princípios da ecologia à lógica produtiva dos agricultores que acompanha, reconhece que muitos dos atuais produtores trabalham em função do mercado. O produtor vai atender o mercado de forma direta comercializando em feiras e pontos de oferta ecológicos ou indireta para lojas, supermercados e cooperativas, entre outros.

A busca por novos mercados consumidores também foi enfatizada na pesquisa. Novos mercados significam novas oportunidades para aumento de produção e para geração de ganhos financeiros.

Estes dois pontos abordados, busca de novos mercados e lógica produtiva determinada pelo consumidor enquadram-se dentro da racionalidade empresarial de qualquer agente econômico atuante no mercado que vise aumentar suas vendas e auferir maiores lucros.

Dentro do contexto dos riscos às atividades agroecológicas, já abordados anteriormente, convém salientar que o estágio atual dos preços, a crescente valorização dos produtos e o aumento da demanda afastam o risco de uma perda de lucro pelo produtor.

6 CONCLUSÕES

Ressaltamos que as conclusões desta pesquisa, por hora, se restringem aos agricultores familiares ecológicos de Dom Pedro de Alcântara. Análises similares e mais aprofundadas que venham a ser feitas com outros núcleos de produtores, com características semelhantes, poderão fortalecer ou não a hipótese levantada neste trabalho.

A atividade agroecológica em Dom Pedro de Alcântara encontra-se em franca expansão e está atraindo novos produtores principalmente pelos resultados financeiros satisfatórios que tem apresentado.

Originária da agricultura convencional familiar, a exceção do produtor egresso do meio urbano, a agroecologia do município apresenta alguns traços semelhantes às duas atividades como tamanho da área, normalmente pequeno, utilização da família como mão-de-obra da propriedade e necessidade de apoio técnico.

Mas se existem semelhanças também se fazem presentes as diferenças e são estas que buscamos para verificar a nova maneira de atuar do pequeno agricultor familiar quando da adoção da agroecologia. Foi possível atestar se efetivamente o agricultor está utilizando atitudes ou ações de cunho empresarial ao produzir e comercializar os produtos ecológicos e, assim, comprovar a nossa hipótese.

Estas características diferenciadoras se manifestaram a partir da análise da produção quando foi possível concluirmos que ela ocorre voltada exclusivamente para o mercado consumidor diferentemente da agricultura familiar convencional que vai comercializar o que não é utilizado para consumo próprio. O consumidor é a razão de haver a produção agroecológica no município e o agricultor vai se alinhar ao que o mercado determina sendo este, por conseqüência, o orientador de suas ações produtivas e comerciais.

Comprovamos estas características ao identificarmos, por exemplo, a adoção por alguns agricultores da produção de tomate ecológico que através do uso de estufas procuram garantir o produto na entressafra e obter lucros maiores. Também em relação a esta cultura agrícola temos o caso do produtor que abdicou de parte da área plantada com cana-de-açúcar, que já lhe trazia rentabilidade financeira significativa, para plantar tomate porque o lucro seria maior.

Outros fatores foram analisados e nossas conclusões caminham, da mesma forma, no sentido de comprovar a nossa hipótese. Podemos destacar o custo da produção que na agroecologia é menor e que deveria ocasionar um preço menor no produto final em relação ao

convencional, o que não acontece. O produto além de mais valorizado no mercado, pelo bem que traz à saúde do consumidor, agrega outros itens ao seu preço como a força de trabalho do agricultor e o uso da terra na atividade, tão presentes na determinação do preço final estabelecido por qualquer empresário ou empresa rural.

A mão-de-obra familiar apesar de ser encontrada em todas as propriedades visitadas já não é a exclusivamente utilizada. À exceção de uma todas as demais possuem mão-de-obra contratada temporariamente existindo, inclusive, a presença de funcionário fixo em uma das propriedades agroecológicas. A intenção dos produtores é de lançar mão de outras fontes de trabalho para aumentar a sua produção e gerar mais lucros com a agroecologia.

Neste sentido de aumentar a produção, garantir mercado e ter lucros crescentes contribuem as tecnologias que o produtor está utilizando. Concluímos que as mesmas identificavam claramente ações empresariais do produtor em relação à sua atividade. Através das tecnologias usadas ocorre disponibilização de mão-de-obra para outras atividades, aumento da produção, melhoria da qualidade do produto e geração de maior lucro além de possibilitar implantação de novas culturas agrícolas que tenham mercado garantido e preço valorizado. Encontramos na utilização do microtrator, equipamentos modernos de gotejamento nas estufas e nas próprias estufas exemplos de tecnologias da agroecologia de Dom Pedro de Alcântara.

As análises referentes ao posicionamento do agricultor perante o consumidor de produtos agroecológicos contribuíram para fortalecer nossa hipótese. A intenção de trabalhar focado no que o consumidor deseja denota uma atitude diferenciada do produtor familiar agroecológico de Dom Pedro de Alcântara em relação a quando praticava a agricultura convencional. O mercado consumidor é o seu objetivo de trabalho e vai ser este quem vai orientar as suas ações de produção e comercialização. Junto com esta atitude aparecem outras características que demonstram a visão empresarial que o agricultor começou a desenvolver a partir da agroecologia. Citamos, entre elas, o acompanhamento do mercado de produtos agroecológicos e a busca de informações. O produtor agroecológico de Dom Pedro de Alcântara é conhecedor de que precisa se atualizar com o que acontece no mercado e que pode afetar a sua produção.

Completando nosso levantamento verificamos que a forma de associação do produtor agroecológico de Dom Pedro de Alcântara se constitui no sentido de transpor o modelo tradicional presente na maioria das vezes na agricultura familiar convencional. Tanto o GESA como principalmente a associação de produtores de tomate ecológico trazem na sua constituição, apesar de serem claramente estruturadas na informalidade, a busca de novos

mercados e o planejamento de suas produções para que a comercialização ocorra no melhor momento de preço e demanda. São atributos claramente de visão empresarial em relação à atividade agroecológica.

Julgamos que nosso trabalho de pesquisa não finaliza o leque de possibilidades de estudos em relação à agroecologia de Dom Pedro de Alcântara. Trabalhos posteriores poderão, por exemplo, terem como foco as repercursões sobre um aumento mais significativo na procura de produtos agroecológicos e a conseqüente necessidade de crescimento da produção no município. Deverão ser analisadas as alternativas que o agricultor adotará para suprir a demanda e que serão, principalmente, o aproveitamento de áreas ainda disponíveis na propriedade, adoção de novas tecnologias e melhora em suas ações de comercialização.

Consideramos, também, necessária a continuidade de pesquisas junto ao público consumidor de produtos agroecológicos a fim de superar o limite de abordagem que tivemos.

Alguns dados coletados não sofreram tratamento nesta pesquisa porque optamos por utilizar aqueles que efetivamente davam subsídios a confirmação ou não de nossa hipótese. Estes constam das planilhas no final do trabalho e poderão ser úteis por ocasião de futuras pesquisas envolvendo o município de Dom Pedro de Alcântara e sua agricultura ecológica.

Por fim salientamos que a agroecologia, como geradora de renda pela produção e colocação no mercado, vai estar sempre acompanhada da dimensão econômica em suas práticas. Até que ponto a influência ou a prevalência desta em relação as demais dimensões (social, política, cultural, ecológica e ética) vai significar um distanciamento dos objetivos da agroecologia poderá ser verificado através de futuros trabalhos de pesquisa junto à cadeia produtora e de comercialização dos produtos agroecológicos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: Hucitec, 1992.

ALMEIDA, Jalcione. **A construção social de uma nova agricultura: tecnologia agrícola e movimentos sociais no sul do Brasil**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

ALMEIDA, Jalcione. **Agroecologia: nova ciência, alternativa técnico-produtiva ou movimento social?** In: sustentabilidade: uma paixão em movimento – Aloísio Ruscheinsky (org.). Porto Alegre: Sulina, 2004.

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1998.

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa**. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989.

ALTIERI, Miguel. **Agroecology: the scientific basis of alternative agriculture**. Boulder: Westview Press, 1987.

ALTIERI, Miguel; HECHT, S. B. **Agroecology and small farm development**. Boca Raton: CRC Press, 1989.

ALTIERI, Miguel; YURJEVIC, Andres. **La agroecologia y el desarrollo rural sostenible en America Latina**. Agroecologia Y Desarrollo, v.1, p.25-36, 1991.

AROEIRA, Luiz J. M.; FERNANDES, Elizabeth N. **Produção orgânica de leite como alternativa para a produção familiar**. 2002. Disponível em: <<http://www.planetaorganico.com.br/TrabAroeira.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2008.

BRAGANÇA, Maria da G. L.; CAMILO, Valdo B.; CARVALHO, Maria N. de. **Mercado de produtos ecológicos**. In: _____. Agroecologia, 2005. Disponível em:

<<http://www.pronaf.gov.br/dater/arquivos/Agroecologia.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2008.

BRANDENBURG, Alfio; SILVA, Leandro M.; STERTZ, Sonia C. **Risco alimentar e produção agrícola**. Asociación Latinoamericana de Sociologia Rural, 2006. Disponível em:

<<http://www.alasru.org/cdaldasru2006/14%20GT%20Alfio%20Brandenburg,%20Sonia%20Cachoeira%20Stertz,%20Leandro%20Martins%20e%20Silva.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2008.

CAPORAL, Francisco R. **Agroecologia: base científica para uma agricultura sustentável**.

In: _____. Agroecologia, 2005. Disponível em

<<http://www.pronaf.gov.br/dater/arquivos/Agroecologia.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2008.

CAPORAL, Francisco R., COSTABEBER, José A. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova extensão rural**. Porto Alegre: EMATER/RS, 2001.

CARRIERI, A. de P. & AGUIAR, A. R. C. **O processo de gestão na pequena produção familiar rural: um estudo de caso no sul de Minas Gerais**. Anais do 17 ANANPAD. Salvador, vol. 5 – Administração Rural, 1993. p. 94-108.

CARVALHO, Maria A.T.; FANI, Wagner S.; FERREIRA, Wildes V. **Agroecologia e agricultura familiar**. In: _____. Agroecologia, 2005. Disponível em:

<<http://www.pronaf.gov.br/dater/arquivos/Agroecologia.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2008.

CAVALCANTE, E. Clipping Agrolink, e-mail hoje@agrolink.com.br. de 27 de abril de 2001.

CONWAY, G. R.; BARBIER, E. B. **After the Green Revolution: sustainable agriculture for development**. London: Earthscan Publications, 1990.

DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michéle. **O delineamento de pesquisa qualitativa**.

In: _____. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos . Petrópolis: Vozes, 2008. Parte II, p. 127-153.

ESTATÍSTICA, Instituto Brasileiro de Economia e. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: out. 2008.

FELÍCIO, Jorge Munir. **Os camponeses, os agricultores familiares: paradigmas em questão.** In: _____. Geografia, v. 15, n. 1, p. 205-219, jan./jun. 2006. Departamento de Geociências. Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <http://www2.uel.br/revistas/geografia/v15n1digital/artigo12.pdf>. Acesso em: 10 set. 2008.

GLASER, B. G. & STRAUSS, A. L. **The Discovery of Grunded Theory – Strategies for Qualitative Research.** Chicago: Aldine, 1967.

GLIESSMAN, Stephen R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

GÜNTHER, Hartmut. **Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102377722006000200010&script=sci_arttexr&tlng=em. Acesso em: 12 set. 2008.

HASENACK, H.; WEBER, E. (Org). **Base cartográfica digital do Rio Grande do Sul – escala 1:250.000.** Porto Alegre. UFRGS – Centro de Ecologia, 2006. 1 CD-ROM. (Série Geoprocessamento, 1).

HEUSER, Fundação de Economia e Estatística Siegfried E. Disponível em: <http://www.fee.tche.br>. Acesso em: 14 out. 2008.

IPÊ, Centro Ecológico. Disponível em: <http://www.centroecologico.org.br>. Acesso em: 12 set. 2008.

KARAM, Karen F. **A agricultura orgânica como estratégia de novas ruralidades: um estudo de caso na região metropolitana de Curitiba.** In: _____. V Encontro da Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção e V Simpósio Latino-americano sobre Investigação e Extensão em Sistemas Agropecuários. Florianópolis/SC, 20 a 23 de maio de 2002. Disponível em: <http://www.planetaorganico.com.br/TrabKaren1.htm>. Acesso em: 03 set. 2008.

LAMARCHE, Hugues (coord). **A Agricultura familiar: uma realidade multiforme**, v. I. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

LOMBARDI, Marta F. S.; MOORI, Roberto G. & SATO, Geni S. **Estudos de mercado para produtos orgânicos através de análise fatorial**. Disponível em: <<http://www.planetaorganico.com.br/iea-1.htm>>. Acesso em: 04 out. 2008.

MICHELAT, G. **Sur l'utilisation de l'entretien non directif en sociologie**. Revue Française de Sociologie, v. 16, p. 229-247, 1975.

MEIRELLES, Laércio. **Comercialização e certificação de produtos agroecológicos**. In: Anais do encontro nacional de agroecologia. Rio de Janeiro, 2002

NAIR, P.K.R. **Soil productivity aspects of agroforestry**. Nairobi: ICRAF, 1982.

ORMOND, JGP; de PAULA, SRL; FAVERET F, P & ROCHA, LTM. **Agricultura Orgânica: quando o passado é futuro**. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, mar 2002).

PINHEIRO, Gustavo S. R. **Agricultor familiar e projeto agroecológico de vida**. 2004. 134 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Curso de Pós-Graduação em Sociologia das Organizações, Universidade Federal do paraná, 2004. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/bitstream/1884/1400/1/TESE-AFRAV.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2008.

PIRES,  lvvaro P. **Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico**. In: _____. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos . Petrópolis: Vozes, 2008. Parte II, p. 154-211.

PIRES,  lvvaro P. **Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais**. In: _____. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos . Petrópolis: Vozes, 2008. Parte I, p. 43-94.

PORTO ALEGRE, Secretaria da Indústria e Comércio de. Disponível em: <<http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smic/>>. Acesso em: 18 set. 2008.

PROJETO TECNOLOGIAS ALTERNATIVAS. Memória do PTA: 1983-1987. Rio de Janeiro: PTA/FASE, s.d. (Datilog.)

_____. **Projeto para a implantação do Centro de Atividades do Rio Grande do Sul - CETAP**. S.1. PTA/FASE, out. 1986.

REDCLIFT, M.; GOODMAN, D. **The machinery of hunger: the crisis of Latin America food systems**. In: GOODMAN, D.; REDCLIFT, M. (eds.). Environment and Development in Latin America. UK: Manchester University Press, 1991.

SCHULTZ, Glauco. **A contribuição das abordagens teóricas da administração estratégica empresarial na gestão das pequenas propriedades rurais de base familiar**. Anais do 4º Congresso Brasileiro de Administração Rural – “Coordenação e Gestão como Instrumento de Competitividade no Agronegócio” – Associação Brasileira de Administração Rural (ABAR) – Universidade Federal de Lavras (UFV) – 18 a 21 de julho de 2001 – Goiânia – GO – 15 páginas. Disponível em: <http://www.portalga.ea.ufrgs/acervo/agro_art_01.doc>. Acesso em: 25 out. 2008.

SILVEIRA, Fátima Rotundo de. **A recriação capitalista do campesinato (Os camponeses na região de Presidente Prudente)**. 1990. 309 páginas. Tese (Doutorado em Geografia) FFLCH/USP. São Paulo, 1990.

TRENTIN, Iran Carlos Lovis; JUNIOR, Valdemar Joao Wesz. **Desenvolvimento e Agroindústria Familiar**. In: 1º Jornada de Antropologia Rural, 2005, San Pedro de Cololau - Tucumán. Anais, 2005. Disponível em: <http://www.filo.unt.edu.ar/centinti/cehim/jornadas_antrop/desenvolvimento%20e%20agroindustria%20familair.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2008.

WANDERLEY, M. **Territorialidade e ruralidade no nordeste: por um pacto social pelo desenvolvimento rural**. Texto apresentado no seminário internacional planejamento e desenvolvimento territorial. Campina Grande, 1999.

WANDERLEY, Maria de N. B. **A valorização da agricultura familiar e a reivindicação da ruralidade no Brasil.** In: _____. Desenvolvimento e meio ambiente – a reconstrução da ruralidade e a relação sociedade/natureza, n.2, p. 29-37, jul./dez. 2000. Curitiba: Editora da UFPR.

ANEXOS

ANEXO A – Questionário do produtor

Data da entrevista:

Propriedade

Nome (somente primeiro nome):

Número de pessoas que moram na propriedade:

Localidade do Município onde mora:

Tamanho da propriedade (em hectares):

É própria ou é arrendada:

Ecológica ou em transição:

Tem energia elétrica, esgoto, telefone, água tratada:

Atividade agroecológica

O que levou você a mudar da agricultura convencional para a agroecológica?

Você ou sua família foram influenciados por alguma instituição, vizinho ou amigo(s)?

Quando aconteceu a mudança para a agroecologia (ano)?

Retornou à convencional? Ano e quanto da produção?

Produção, renda e trabalho

O que planta de forma ecológica: produção e percentual comercializado?

Área ocupada da propriedade com as culturas:

A sua produção é certificada? Em caso afirmativo por quem?

Número de pessoas da família que trabalha com as atividades de produção:

Quantos homens e quantas mulheres?

Seus filhos ajudam ou somente estudam ou moram em outro lugar?

Utiliza ajuda não remunerada de outros agricultores na produção?

Utiliza mão-de-obra contratada? Em caso de “sim” de forma definitiva (empregado) ou temporária (sazonal)?

Possui animais de produção? () sim () não Se sim quais tipos? (bois, vacas, suínos, abelhas, ovelhas, cavalos , galinhas – postura e corte, etc)

Possui trator ou utiliza animal para carga, lavrar ou outro trabalho?

Compartilha algum equipamento com outros produtores (trator, etc)?

Utiliza o que produz (tanto vegetal como animal) como base para outros produtos (exemplo: uva para fabricar vinhos/sucos, produz biscoitos, conservas, pães, etc) para serem comercializados?

Locais de venda dos produtos:

Participa de alguma associação? () sim () não Em caso positivo: qual o sistema de funcionamento geral (sistema de cotas de participação, regramento, divisão do trabalho, modo de comercialização, quantidade colocada para a cooperativa e outros)?

Conhece alguma coisa da legislação sobre a atividade agroecológica?

O que mudou na forma de administrar seu negócio após ser produtor agroecológico?

Você se preocupa com o que o consumidor deseja?

Como enxerga o seu negócio hoje?

Qual sua renda mensal com a atividade?

Assistência técnica para produção, comercialização e certificação

Existe algum tipo de assistência técnica orientada para a produção e comercialização? Em caso afirmativo quem presta e para que?

A sua atividade agroecológica recebe algum tipo de apoio do poder público municipal e como?

Você acha que ainda precisa de algum tipo de assistência (necessidade tecnológica)? Se necessita em que área (produção vegetal, animal, gerenciamento financeiro, comercialização ou outro).

Você acha que os técnicos das instituições que lhe presta assistência conseguem trabalhar com a diversidade produtiva de sua propriedade?

Educação

Há escolas perto de sua casa e esta possui todos os níveis?

Qual o nível de interesse dos familiares em frequentar a escola (local ou de fora do município)?

Atividade e reconhecimento social

Como se sente hoje como produtor agroecológico?

Como se sente socialmente? Acha que quem compra seus produtos valoriza o seu trabalho? Acha que hoje a sua profissão se tornou mais importante do que antes, quando produzia utilizando agrotóxicos e outras técnicas não ecológicas?

Como percebe os demais agricultores de D. Pedro de Alcântara que alteraram o modo de produção para a agroecológica? Acha que eles se sentem felizes, valorizados profissionalmente, mais esperançosos de um futuro melhor, por exemplo?

Qualidade de vida e futuro da atividade na propriedade

Quais as modificações materiais que ocorreram produzindo e comercializando produtos agroecológicos? Como exemplos: aumento da área construída da residência, aquisição de veículo ou eletrodomésticos, construção de galpão e outros.

Acha que a qualidade de vida sua e de sua família mudou? Em caso afirmativo mudou principalmente em quê?

Como se manifestam seus familiares, principalmente filhos, quanto à continuidade de trabalhar na agricultura? Houve algum familiar que modificou de opinião após a transição para a agroecologia?

ANEXO B – Questionário da associação

Qual o nome da associação?

Qual o seu nome?

Qual a sua função?

A associação tem presidente?

Quantos produtores agroecológicos são associados?

Em que ano foi criada?

Como funciona a associação/cooperativa?

O que é produzido?

Existem dados do total produzido e das vendas feitas?

A associação/cooperativa é certificada? Em caso afirmativo por quem e qual a validade ou necessidade de renovação da certificação?

Os bens da associação/cooperativa são próprios (imóvel, maquinário etc)?

Existe algum programa municipal, estadual ou federal que apoiou a implantação da associação/cooperativa e o seu funcionamento?

Qual o sistema de colocação da produção no mercado e quem são os compradores?

Quais as regiões ou estados que são seus maiores compradores?

Qual(is) a(s) maior(e)s dificuldade(s) da associação/cooperativa hoje?

ANEXO C – Questionário das instituições públicas e da instituição privada

Qual seu nome?

Qual sua função na instituição?

Esta instituição apóia a agricultura familiar na mudança de produção convencional para a agroecológica?

De que forma ocorre este apoio? São ministrados cursos de formação e capacitação, ajuda na implantação de feiras, elaboração de projetos de financiamento ou outros?

Existem recursos orçados para desenvolver pesquisas e prestar atendimentos técnicos contínuos aos agricultores ou isto ocorre à medida que sobra algum recurso (material e/ou humano) e aí o apoio passa a ser planejado e executado?

Em caso de estar apoiando como esta instituição se sente contribuindo para o desenvolvimento desta atividade?

Percebe alguma mudança na forma como o agricultor agroecológico esta conduzindo hoje a sua atividade e qual(is) é(são) esta(s) mudança(s)?

A orientação para o auxílio ao pequeno agricultor agroecológico parte da dependência local ou é um plano de abrangência regional e/ou nacional?

No caso da Prefeitura: como vê esta atividade para o município e quais os benefícios que pode trazer ou já está trazendo para a comunidade de Dom Pedro?

Este órgão incentivou a união dos produtores de forma associativa (em torno de uma associação ou cooperativa)? Porquê?

Quais os programas municipais, estaduais ou federais que existem em funcionamento dirigidos para a agricultura familiar agroecológica?

Existem parcerias entre as instituições que trabalham com a agricultura no município visando a adoção de planos de assitência técnica para a agroecologia familiar?

Qual(is) a(s) maior(es) dificuldade(s) que visualiza para a atividade agroecológica em Dom Pedro de Alcântara?

ANEXO D – Questionário do consumidor

Local da entrevista

Local da Feira:

Bairro:

Dia:

Dados pessoais do consumidor

Idade (anos):

Sexo:

Nível de instrução:

Consumo e forma de produção

Porque motivo consome os produtos agroecológicos ?

Indicou ou orientou alguém a começar utilizar produtos agroecológicos?

Sabe como é produzido o que compra e o esforço e trabalho gastos pelos agricultores?

O que acha dos preços dos produtos?

O que você mais compra (tipo de produto)?

Se pudesse somente consumiria produtos agroecológicos, até os que são industrializados?

Olhar para o produtor familiar

Como vê a agricultura familiar?

Mudou sua opinião sobre os agricultores familiares a partir do momento em que começou a consumir produtos agroecológicos?

Qual seu nível de confiança em relação aos produtos agroecológicos? Confia plenamente que os agricultores não utilizam produtos danosos à saúde humana?

ANEXO E - Planilha de respostas dos produtores agroecológicos e do produtor em transição

Pesquisa	Produtor 1	Produtor 2	Produtor 3	Produtor 4	Produtor 5	Produtor 6	Produtor 7	Produtor 8	Produtor 9	Produtor 10	Produtor 11
Data da Entrevista	11.08.2008	11.08.2008	12.08.2008	12.08.2008	12.08.2008	15.09.2008	15.09.2008	15.09.2008	16.09.2008	16.09.2008	16.09.2008
Propriedade											
Pessoas que moram no local	3	4	3	3	4	1	4	3	2	3	4
Tamanho propriedade(ha)	9	9	4	2	3	14,3	16	16,4	13	9	20
Própria ou arrendada	própria	própria	própria	própria	própria	própria	própria	própria	própria(8ha) arrendad(5ha)	própria	própria
Ecológica ou em transição	ecológica	transição	ecológica	ecológica	ecológica	ecológica	ecológica	ecológica	ecológica	ecológica	ecológica
Infra-Estrutura											
Energia Elétrica	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Esgoto	fossa sép.	fossa sép.	fossa sép.	fossa sép.	fossa sép.	fossa sép.	fossa sép.	fossa sép.	fossa sép.	fossa sép.	fossa sép.
Telefone											
Convencional	não	não	sim	sim	não	não	não	não	não	não	não
Celular	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Água tratada	sim, vem da associação	sim, vem da prefeitura	sim, vem da prefeitura	sim, a prefai- tura fornece	não, usamos de vertente	não, usa da vertente	sim, vem da associação	não, vem de vertente	não, é de ver- tente	não, é água de poço	sim, vem da associação
Atividade Agroecológica											
Motivo transição p/agroecol											
Saúde Produtor	sim		sim	não era	sim	sim	sim		sim	sim	sim
Melhor renda	sim		sim	sim	sim		sim	sim	sim	sim	sim
Preservação Meio Amb.			sim	sim		sim					sim
Outro (especificar)		doença na lavoura		não era agri- cultor		ter uma pro- dução limpa	pouca renda com o leite				
Influência para mudança											
Pastoral			sim		sim	sim	sim				
EMATER	sim	sim			sim						
CEI	sim	sim			sim	sim	sim	sim	sim		sim
Outro (especificar)	vizinho			Prejudicado					vizinho	vizinho	

Continuação do ANEXO E

Pesquisa	Produtor 1	Produtor 2	Produtor 3	Produtor 4	Produtor 5	Produtor 6	Produtor 7	Produtor 8	Produtor 9	Produtor 10	Produtor 11
Atividade Agroecológica											
Quando aconteceu a mudança para a agroecologia (ano)	2000	2000	1997	2003	1996	1994	1992	2004	2002	2005	2000
Retornou à convencional? Ano e quanto da produção?		sim - 2006 70%								pensando em voltar	
Produção, renda e trabalho											
O que planta ecológicamente: produção(toneladas/ano:2007) e percentual comercializado											
Abacaxi											prejudicado 100%
Aipim	prejudicado 100%							2,4 100%	troca/consumo próprio		
Aipo	prejudicado 100%										
Alface	prejudicado 100%			consumo próprio	prejudicado 100%						
Alho poró	prejudicado 100%										
Amendoim		consumo próprio									
Amora								prejudicado 100%			
Arroz					consumo próprio						
Banana	prejudicado 100%	7,2 100%	15 100%	consumo próprio	3 100%	24 100%		11,8 100%	42 100%	24 100%	5 100%
Bergamota				consumo próprio							

Continuação do ANEXO E

Pesquisa	Produtor 1	Produtor 2	Produtor 3	Produtor 4	Produtor 5	Produtor 6	Produtor 7	Produtor 8	Produtor 9	Produtor 10	Produtor 11
Produção, renda e trabalho											
O que planta ecológicamente: produção(toneladas/ano:2007) e percentual comercializado											
Beringela			0,3 100%					9,6 100%			
Beterraba	prejudicado 100%		1 100%								
Café				consumo próprio						troca/consumo próprio	
Cana de açúcar							Prejudicado 100%	40 ton./ano 90%			
Cenoura	prejudicado 100%		1,2 100%		prejudicado 100%						
Chuchu		consumo próprio									
Couve	prejudicado 100%										
Feijão		consumo próprio									
Fruta-do-conde				consumo próprio							
Laranja azeda											em teste doce
Mamão						0,1 100%					
Maracujá				consumo próprio							
Melão espanhol				6 100%							
Milho verde	prejudicado 100%	consumo próprio			consumo próprio						

Continuação do ANEXO E

Pesquisa	Produtor 1	Produtor 2	Produtor 3	Produtor 4	Produtor 5	Produtor 6	Produtor 7	Produtor 8	Produtor 9	Produtor 10	Produtor 11
Produção, renda e trabalho											
O que planta ecológicamente: produção(toneladas/ano:2007) e percentual comercializado											
Morango			0,625 100%		0,5 100%						
Palmeira Juçara		consumo próprio				em teste suco					
Pimentão			0,3 100%								
Tomate			1 100%	15 100%			3 100%	5 100%			3,5 100%
Uva		consumo próprio		0,8 100%							
Área da plantação (ha)	3,5	5,2	4	1,5	2,5	5,4	4	9	10	5	10,5
Percentual da propriedade	38,89%	57,78%	100,00%	75,00%	83,33%	37,76%	25,00%	54,87%	76,92%	55,56%	52,50%
Produção é certificada e quem certificou	Não, pesquisando	Não	Não em andamento	Sim, ECOVIDA	Não em andamento	Sim, ECOVIDA e ACERT	Sim, ECOVIDA	Sim, ECOVIDA	Sim, ECOVIDA e ACERT	Sim, ECOVIDA	Sim, ECOVIDA
Família na produção											
Homens	1	2	2	2	2	1	2	1	1	2	1
Mulheres	1		1	1	1		2	1	1	1	1
Total	2	2	3	3	3	1	4	2	2	3	2
Filhos											
Quantos	1	2	3	1	2	2	3	1	2	2	2
Ajudam	não-menor	sim - 1	1	não	1	não	2	não-menor	não	1	não
Estudam	1	sim - 2	1	1	2	não	1	nao	não	não	1
Morram em outro lugar			1	1		2	1		2	1	

Continuação do ANEXO E

Pesquisa	Produtor 1	Produtor 2	Produtor 3	Produtor 4	Produtor 5	Produtor 6	Produtor 7	Produtor 8	Produtor 9	Produtor 10	Produtor 11
Assistência técnica para produção, comerc. e certificação											
Recebe assistência técnica?	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Em caso afirmativo de quem?											
Produção	EMATER/RS	CEI	CEI	EMATER/RS	CEI	CEI	CEI	CEI	CEI	CEI	CEI
Comercialização	EMATER/RS	EMATER/RS		EMATER/RS	EMATER/RS	CEI		CEI			
Certificação			CEI	CEI	CEI	CEI	CEI	CEI	CEI	CEI	CEI
Recebe apoio da Prefeitura para a atividade e como?	Sim, trator para lavrar	Sim, trator para lavrar	Sim, trator para lavrar	Sim, trator para lavrar	Sim, trator para lavrar	Não	Sim, trator para lavrar	Sim, trator para lavrar	Sim, trator para lavrar	Não	Não
Precisa ainda de algum tipo de assistência? Em que?	Sim, p/novas tecnologias	Não	Sim, na comercialização	Sim, p/novas tecnologias	Sim, na comercialização	Sim em tudo que vier	Sim, o que vier aceita	Sim, em tudo que vier	Sim, é sempre bem-vinda	Sim, o que vier aceita	Sim, é sempre bem-vinda
Os técnicos das instituições que lhe presta assistência conseguem trabalhar com a sua diversidade de produção?	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Educação											
Há escola perto de sua casa e esta possui todos os níveis?	Não	Sim, médio e fundamental	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim, médio e fundamental	Não	Sim, médio e fundamental
Qual o nível de interesse de seus familiares em freqüentar a escola (local ou de fora)	Grande	Grande	Grande	Grande	Grande	Prejudicado	Grande	Prejudicado	Prejudicado	Nenhum	Grande

Continuação do ANEXO E

Pesquisa	Produtor 1	Produtor 2	Produtor 3	Produtor 4	Produtor 5	Produtor 6	Produtor 7	Produtor 8	Produtor 9	Produtor 10	Produtor 11
Atividade e reconhecimento social											
Como se sente como produtor agroecológico	Satisfeito e está faltando produtor no mercado	Em dúvida se não volta para convencional	Diz que esta caminho certo. Muito satisfeito	Produz saúde e tem boa renda. Satisfeito	Satisfeito	Valorizado. O que faz é digno	Valorizado. Gosta do que faço	Motivado	Motivado e valorizado	Não acha que tenha tido muita vantagem	Atarefado e preferia estar somente produzindo
Acha que é valorizado socialmente como produtor agroecológico	Muito mais que antes. Sente-se motivado	Antes sim, agora não sabe - produz os dois	Sim, mais que antes como convencional	Muito, não dá para comparar com antes	Não percebe ser valorizado (feira junto à convence)	Sim e muito, pelo retorno das pessoas na feira	Muito, antes como produtor de leite não era	Sim, bastante	Sim, produz saúde	Um pouco	Sim
Como vê os demais agricultores que mudaram para a agroecologia em Dom Pedro?	Muito satisfeitos e motivados	Alguns motivados	Motivados e contentes	Valorizados. maior autoestima	Motivados e felizes	Uma boa parte está motivada	Todos motivados	Mais motivados do que antes	Felizes e motivados	Mais motivados	Muito motivados
Qualidade de vida e futuro da atividade na propriedade											
Quais modificações materiais que ocorreram com a produção e comercialização de produtos agroecológicos	Melhorou muito	Melhora no início, hoje pouca modificação	Melhorou muito	Melhorou muito	Melhorou muito	Melhoria na casa e paga contas em dia	Melhorou muito	Poucas porque mudou a pouco tempo	Melhorou muito	Poucas até agora.	Melhorou muito
Acha que mudou a qualidade de vida sua e de sua família? Em que?	Mudou. Melhor saúde e menos despesa	Melhoria no início, na renda	Melhorou na saúde e na renda	Mudou., está melhor, com mais renda	Um pouco. Ganha-se mais	Melhorou em tudo: material e autoestima	Melhorou. na parte material e na saúde	Está melhorando na saúde e na renda	Melhorou muito. Saúde e renda	Muito pouco principalmente na renda	Melhorou saúde e material

Continuação do ANEXO E

Pesquisa	Produtor 1	Produtor 2	Produtor 3	Produtor 4	Produtor 5	Produtor 6	Produtor 7	Produtor 8	Produtor 9	Produtor 10	Produtor 11
Qualidade de vida e futuro da atividade na propriedade											
Manifestação dos familiares, principalmente filhos, quanto à continuar trabalhando na agricultura. Mudou de opinião após a transição para a agroecologia?	Tendência é de sim mas não pela mudança	Um sim, mas não pela mudança	Um sim mas não pela mudança para a agroecologia.	Sim mas não pela mudança	Um sim mas não pela mudança	Não querem trabalhar na agricultura.	Não mudou. Tendência é de não ficarem na agricultura	Prejudicado. Filho pequeno	Não mudou. Moram em outro lugar	Não mudou. Um quer ser caminhoneiro	Não mudou. Não querem trabalhar na agricultura

ANEXO F - Planilha de respostas da associação

Pesquisa	Associação
Qual o nome da associação?	GESA - Grupo de Ecologistas do Santo Anjo
Qual a sua função?	Coordenador da Associação
A associação tem presidente?	Não. Somente um coordenador
Quantos produtores agroecológicos são associados?	São no total doze associados sendo que oito são produtores de Dom Pedro de Alcântara e os outros quatro são de Três Cachoeiras
Em que ano foi criada?	Criada a associação em 2002. Começou com três associados: Ceci, Renato e Adroaldo.
Como funciona a associação?	<p>A associação funciona basicamente com produtores que plantam banana. O produto da associação é a banana. Os produtores de banana ecológica participantes da associação vendem suas produções para o coordenador da associação que se encarrega de colocar o produto no mercado, principalmente é colocado na rede de supermercados Zaffari/Bourbon. Alguns diferenciais para os produtores é que recebem à vista no momento da venda para o coordenador, a mercadoria é coletada em suas casas e o comprador (coordenador) não faz distinção por características do produto (tamanho, qualidade do fruto, aspecto, etc) da banana a não ser se é do tipo caturra (de menor valor comercial) ou prata(mais valorizada no mercado). O sistema de funcionamento da associação é informal ou seja não existe regulamentação legal. O produto é comercializado em nome do coordenador.</p>
O que é produzido?	<p>Somente a banana. Os demais procedimentos (climatização, ensacamento para venda e outros) são feitos pelo comprador, coordenador Renato, em galpão localizado no município de Três Cachoeiras.</p> <p>Demais produtos, da lavoura dos agricultores associados, são trabalhados diretamente por eles (como aipim, café, tomate) quer seja na venda, troca ou para consumo próprio.</p>

Continuação do ANEXO F

Pesquisa	Associação
Existem dados do total produzido e das vendas feitas?	Não. Somente dados individuais dos associados e não para todos os produtores. Alguns não anotam o que produzem e vendem.
A associação é certificada? Em caso afirmativo por quem e qual a validade ou necessidade de renovação da certificação?	Cada associado é certificado pela rede ECOVIDA e em alguns casos também pela ACERT o que faz com que a associação seja automaticamente certificada. Produtor que não é certificado não faz parte da associação mesmo sendo tido como agroecológico. A validade da certificação é variável para cada produtor (depende de quando foi certificado). Normalmente a renovação da certificação acontece em torno de dois a três anos após a última.
Os bens da associação são próprios (imóvel, maquinário, etc)?	A associação é informal inexistindo portanto local próprio ou maquinário a ela juridicamente pertencente.
Existe algum programa municipal, estadual ou federal que apoiou a implantação da associação e o seu funcionamento?	Não. A única instituição que apoiou e apóia a associação é o Centro Ecológico de Ipê (CEI)
Qual o sistema de colocação da produção no mercado e quem são os compradores?	A produção de cada associado é colocada diretamente para o comprador Renato que após embalar a banana vai comercializá-la, em sua maioria, com a rede Zaffari. Também coloca o produto em cooperativas de consumidores agroecológicos de Três Cachoeiras e Torres.
Quais as regiões ou estados que são seus maiores compradores?	Indiretamente (já que a produção é comprada pelo Renato e é este quem vende) são as cidades de Porto Alegre, Torres e Três Cachoeiras
Qual(is) a(s) maior(es) dificuldade(s) da associação hoje?	Existe uma grande dificuldade de agrupar as pessoas em associações em Dom Pedro de Alcântara. Elas tendem a trabalhar sózinhas. Está difícil trazer novos associados de Dom Pedro. Não conseguem dar conta de atender a rede Zaffari porque a produção da associação é insuficiente. Está sendo necessário pegar banana de Santa Catarina.

ANEXO G - Planilha de respostas das instituições públicas e instituição privada

Pesquisa	Centro Ecológico Ipê – Núcleo Litoral Norte	EMATER/RS	Prefeitura Municipal
Tipo de Instituição:	Privada	Pública	Pública
Qual sua função na instituição?	Agricultor-Instrutor	Extensionista Rural	Sub-Secretário da Agricultura
Esta instituição apóia a agricultura familiar na mudança de produção convencional para a agroecológica?	Sim procura orientar e trazer para os cursos que são dados na pastoral da cidade	Apóia. Sempre procura acompanhar as necessidades do agricultor e lhe orienta e apóia.	Indiretamente sim. Através de convênios com a EMATER/RS - convênios referentes a apoio financeiro para investimentos e verbas para cursos
De que forma ocorre este apoio? São ministrados cursos de formação e capacitação, ajuda na implantação de feiras, elaboração de projetos de financiamento ou outros?	Cursos - vide acima. Orienta para a comercialização em feiras, incentiva o associativismo e a formação de cooperativas de consumidores conectadas aos produtores. Orienta na produção.	Implantação de feiras (implantou a do shopping total e da redenção onde tem produtores de Dom Pedro participando), curso básico de práticas agroecológicas, palestras em escolas e assistência na comercialização da produção	Quem demanda é a EMATER/RS e a solicitação vai vir dos agricultores que a ela se dirigem
Existem recursos orçados para desenvolver pesquisas e prestar atendimentos técnicos contínuos aos agricultores ou isto ocorre à medida que sobra algum recurso (material e/ou humano) e aí o apoio passa a ser planejado e executado?	Não existem. Os recursos para trabalhar com os agroecologistas vem de projetos aprovados em escala federal e também de financiadoras internacionais. Os recursos visam à capacitação e orientação técnica para que os agricultores desenvolvam habilidade com a agroecologia. Exemplos de projetos: para a formação de uma cooperativa regional e para o desenvolvimento de plantas crioulas	Não existem metas separadas para a agroecologia e o orçamento não é separado, também. Existe liberdade para os escritórios da EMATER/RS trabalharem com a agroecologia e estabelecerem suas próprias metas.	Especificamente para a agroecologia não. Tem um orçamento a ser utilizado com a EMATER/RS. Caso seja necessário pode haver aumento da verba. Este procedimento engloba todo tipo de agricultura não somente a agroecológica.
Em caso de estar apoiando como esta instituição se sente contribuindo para o desenvolvimento desta atividade?	Integradora ao integrar os produtores do estado e de outros locais do mundo. No caso do estado integra os produtores da serra e do litoral através da rede ecovida. O CEI está associado ao MAECA - movimento agroecológico da América Latina e Caribe e a Rede Terra do futuro (sede em Estocolmo)	Participativa e que esta fazendo algo em prol da agricultura familiar e da sociedade em geral	Atuante para o crescimento da atividade. Além de ceder máquinas e equipamentos para os outros tipos de produtores cede, também, para os agroecologistas

Continuação do ANEXO G

Pesquisa	Centro Ecológico Ipê – Núcleo Litoral Norte	EMATER/RS	Prefeitura Municipal
<p>Percebe alguma mudança na forma como o agricultor ecológico esta conduzindo hoje a sua atividade e qual(is) é (são) esta(s) mudança(s)?</p>	<p>Alguns estão trabalhando em função do mercado. Outros atuam com uma visão já mais mais ampliada e incorporam alguns conceitos que a ecologia trabalha. Existem, hoje em Dom Pedro todos os graus de produtores. O trabalho do CEI não está ainda finalizado, está em construção. Se o agricultor já foi militante da pastoral rural é diferente pois já teve uma formação anterior e se torna mais fácil para ele construir um novo tipo de produção agrícola.</p>	<p>A mudança foi global desde um melhor uso da água, tratamento do lixo e uso das embalagens para frutas (separam para reciclagem tudo que antes jogavam no meio ambiente). Está usando mais máquinas para diminuir a utilização da mão-de-obra (diminuir despesas) e para ser mais produtivo</p>	<p>O nível de satisfação destes agricultores é bem grande. Estão quase sempre motivados</p>
<p>A orientação para o auxílio ao pequeno agricultor agroecológico parte da dependência local ou é um plano de abrangência regional e/ou nacional?</p>	<p>Funciona através de projetos. Como é uma ONG tem pessoal capacitado para dar seguimento aos projetos. Atua com a agroecologia atualmente no Estado mas está se interligando a outros núcleos de ongs que agem em diversos locais do mundo.</p>	<p>Não consta do planejamento geral da EMATER/RS dar um tratamento direcionado para o agricultor agroecológico mas não existe a proibição. No caso do escritório local da EMATER/RS ele reforça as práticas agroecológicas e atende estes agricultores da mesma forma que os outros</p>	<p>Prejudicado</p>
<p>No caso da Prefeitura: como vê esta atividade para o município e quais os benefícios que pode trazer ou já está trazendo para a comunidade de Dom Pedro?</p>	<p>Prejudicado</p>	<p>Prejudicado</p>	<p>Acha importante a atividade porque: o município torna-se conhecido, pela motivação para que outros agricultores comecem a atividade, pela questão ambiental (diminui a poluição e melhora a saúde do e da população do município), pelo lado financeiro (melhora da renda do agricultor).</p>

Continuação do ANEXO G

Pesquisa	Centro Ecológico de Ipê – Núcleo Litoral Norte	EMATER/RS	Prefeitura Municipal
Este órgão incentivou a união dos produtores de forma associativa (em torno de uma associação ou cooperativa)? Porquê?	Sim. É uma das formas que o CEI enxerga para que a produção agroecológica atenda as necessidades dos agricultores e dos consumidores de produtos agroecológicos.	Incentivou a formação de uma associação (que não prosperou) por achar que esta forma é a que mais serve como um trampolim eficaz para atingir o mercado (facilita a comercialização).	Indiretamente através da EMATER/RS, mas esta associação não fortificou.
Quais os programas municipais, estaduais ou federais que existem em funcionamento dirigidos para a agricultura familiar agroecológica?	Prejudicado	Na EMATER/RS não existem. Os que existem abrangem todo o tipo de agricultor	Diretamente não existe. Existe o apoio a agricultura através da EMATER/RS. Não existe um programa específico para os agricultores ecológicos.
Existem parcerias entre as instituições que trabalham com a agricultura no município visando a adoção de planos de assistência técnica para a agroecologia familiar?	Não. Ainda não houve uma evolução de forma natural para parcerias.	Existe entre a EMATER/RS e a Prefeitura mas abrange todos os tipos de agricultores	Existe entre a Prefeitura e a EMATER/RS abrangendo todos tipos de agricultores
Qual(is) a(s) maior(es) dificuldade(s) que visualiza para a atividade agroecológica em Dom Pedro de Alcântara?	<p>Busca de informação escrita pelos agricultores (leitura de livros e revistas)</p> <p>Planejarem melhor os seus plantios</p> <p>Desenvolverem alguns conhecimentos por mesmos e não esperarem a visita do técnico (caso do tomate)</p> <p>Apoio municipal</p> <p>Formação do agricultor - os que são oriundos da pastoral da juventude rural aprendem mais rápido e disseminam o conhecimento também mais rápido</p>	<p>O grande gargalo da produção agroecológica é a comercialização - falta de mercado</p> <p>Falta de feiras em Porto Alegre e em outros centros urbanos mais populosos</p> <p>Dificuldade do agricultor em assumir dívidas de financiamentos a juros pequenos caso do PRONAF e que podem ajudar e muito na melhoria e qualidade de sua produção</p>	<p>Os agroecologistas usam, ainda, poucos equipamentos em suas propriedades. Alguns equipamentos poderiam melhorar bastante a produção deles.</p>

ANEXO H - Planilha de respostas dos consumidores

Pesquisa	Consumidor 1	Consumidor 2	Consumidor 3	Consumidor 4	Consumidor 5	Consumidor 6	Consumidor 7	Consumidor 8	Consumidor 9
Dia e local da entrevista									
Feira ou pontos de oferta ecológico	Pontos de oferta ecológico	Pontos de oferta ecológico	Pontos de oferta ecológico	Pontos de oferta ecológico	Feira	Feira	Feira	Feira	Feira
Local	Felizardo/ESEF	Felizardo/ESEF	Felizardo/ESEF	Felizardo/ESEF	Redenção	Redenção	Redenção	Redenção	Secr. Agricul.
Bairro	J. Botânico	J. Botânico	J. Botânico	J. Botânico	Farroupilha	Farroupilha	Farroupilha	Farroupilha	Menino Deus
Dia	09.08.2008	09.08.2008	09.08.2008	09.08.2008	16.08.2008	16.08.2008	16.08.2008	16.08.2008	24.09.2008
Dados pessoais do consumidor									
Idade (anos)	44	80	48	55	31	53	51	24	49
Sexo	Masculino	Masculino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Masculino	Feminino	Feminino
Nível de instrução	superior	ensino médio	superior	sup. incompl.	superior	superior	ensino médio	ensino médio	ensino médio
Consumo e forma de produção									
Porque motivo consome os produtos agroecológicos?	São saudáveis, naturais e saborosos	São saudáveis e sem veneno	Sem agrotóxicos e de boa qualidade	Conservação ambiental, incentivo à agr. familiar e pela saúde	Porque são naturais	Preocupação com a saúde. são alimentos sem agrotóxicos	Porque são saudáveis e mais saborosos	Sabe que são naturais	Já é uma cultura na família e por ser uma pessoa consciente
Indicou ou orientou alguém a começar a utilizar produtos agroecológicos?	Familiares, amigos, colegas e seus vizinhos	Para todas as pessoas todos os dias	Comenta com todos que conhece	Sempre que pode para todo mundo	Para amigos	Indica para parentes, amigos, conhecidos e vizinho	Comenta com conhecidos	Comento para a família e amigos	Sempre, trabalha com os produtos agroecológicos. É cozinheira
Sabe como é produzido o que compra e o esforço e trabalho gastos pelos agricultores	Sabe. É filho de agricultor familiar	Um pouco	Muito pouco	Sabe. Já morou no campo.	Um pouco	Tem pouco conhecimento a respeito	Conhece muito pouco	É do interior. Sabe como produzem	Sim já visitou vários produtores

Continuação do ANEXO H

Pesquisa	Consumidor 10	Consumidor 11	Consumidor 12	Consumidor 13	Consumidor 14	Consumidor 15	Consumidor 16	Consumidor 17	Consumidor 18
Dia e local da entrevista									
Feira ou pontos de oferta ecológico	Feira	Feira	Feira	Feira	Feira	Feira	Feira	Feira	Feira
Local	Secr. Agricul.	Secr. Agricul.	Secr. Agricul.	Secr. Agricul.	Secr. Agricul.	Redenção	Redenção	Redenção	Redenção
Bairro	Menino Deus	Menino deus	Menino Deus	Menino Deus	Menino Deus	Farroupilha	Farroupilha	Farroupilha	Farroupilha
Dia	24.09.2008	24.09.2008	24.09.2008	24.09.2008	24.09.2008	27.09.2008	27.09.2008	27.09.2008	27.09.2008
Dados pessoais do consumidor									
Idade (anos)	26	29	51	49	35	27	37	63	64
Sexo	Feminino	Masculino	Masculino	Masculino	Feminino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Nível de instrução	sup. incompl.	superior	pos graduado	superior	superior	sup.incompl.	ensino médio	ensino médio	ensino médio
Consumo e forma de produção									
Porque motivo consome os produtos agroecológicos?	Por uma atitude existencial. Opção de vida.	Porque são naturais, sem produtos químicos que fazem mal	Pela saúde. São produtos naturais.	Para ter uma boa saúde.	Pela qualidade	Porque são naturais. Não apresentam veneno.	Porque são sem agroquímicos e livres de doenças	Sem produtos químicos. São mais saudáveis	Por trazerem mais saúde
Indicou ou orientou alguém a começar a utilizar produtos agroecológicos?	Toda hora e a todo momento para quem conhece	Muito pouco e para amigos	Sim para a família e para os amigos	Sim para amigos e parentes	Incentiva a filha, familiares e amigos	Fala para os meus conhecidos	Não	Para todas as pessoas que conhece	Muito raramente
Sabe como é produzido o que compra e o esforço e trabalho gastos pelos agricultores	Sim parcialmente. Visitou um agricultor	Muito pouco	Não.	Sim conhece bem	Sim, é filha de agricultor do interior	Mais ou menos. Lê sobre isto	Não	Sim, já visitou vários produtores.	Tem alguma idéia

Continuação do ANEXO H

Pesquisa	Consumidor 1	Consumidor 2	Consumidor 3	Consumidor 4	Consumidor 5	Consumidor 6	Consumidor 7	Consumidor 8	Consumidor 9
Consumo e forma de produção									
O que acha dos preços dos produtos?	Maiores mas é compensado pela qualidade e sabor	Razoáveis mas para ter uma boa saúde vale a pena	Razoáveis	Baratos pelo bem que trazem	Alguns mais caros que no supermercado mas compensa	Mais caros mas com muito mais qualidade	Um pouco acima do normal. Compensa na saúde	Não acha caros. Sabe que muitos reclamam	Ótimos na relação custo/benefício
O que mais compra (tipo de produto)?	Hortaliças, legumes e frutas	Tudo que usa em casa	De tudo desde frutas e legumes a suco e grãos	Biscoitos, sucos, hortaliças e frutas	Brotos, frutas, biscoitos e legumes	Frutas, legumes, hortaliças, grãos e erva-mate	Frutas, suco e biscoitos	Compra de tudo	Tudo até os que são industrializados
Se pudesse somente consumiria produtos agroecológicos, até os que são industrializados	Sim, menos os industrializados.	Sim, tudo.	Sim, qualquer tipo	Sim, mas não existe ainda disponíveis todas as variedades	Sim mas acha que vai demorar um pouco	Sim. Já utiliza alguns industrializados	A família ainda não está preparada para todos os tipos	Sim. Espera um dia conseguir	Sim.
Olhar para o produtor familiar									
Como vê a agricultura familiar?	Com falta de mão-de-obra e com produção valorizada	Com bastante trabalho no seu dia a dia	Muito necessitada de ajuda	Precisando ter mais atenção da sociedade	Acha que trabalham bem	Benéfica para a sociedade e uma alternativa boa de ocupação	Importante que continue a existir	O trabalho é bem difícil. É todo dia e em qualquer tempo	Opção de futuro se for agroecológica
Mudou sua opinião sobre os agricultores familiares a partir do momento em que começou a consumir produtos agroecológicos?	Não. É filho de agricultor familiar e sempre valorizou esta atividade	Não. Continua a achá-la importante	Não. Pensa da mesma maneira. É a favor desta atividade.	Não. Sempre achou esta atividade importante	Não sempre valorizou o que produzem	Não. São importantes porque trazem benefícios a todos	Não. Sempre achou importante o trabalho deles.	Não. Sabe o valor que possuem	Prejudicado. Sempre consumiu estes produtos

Continuação do ANEXO H

Pesquisa	Consumidor 10	Consumidor 11	Consumidor 12	Consumidor 13	Consumidor 14	Consumidor 15	Consumidor 16	Consumidor 17	Consumidor 18
Consumo e forma de produção									
O que acha dos preços dos produtos?	Alguns mais caros mas vai compensar pela saúde	Às vezes acha que são caros demais. Mas não considera	Acima dos normais mas compensa pela qualidade	Altos em comparação com os normais mas compensa	Um pouco alto mas é uma alimentação natural	Normais.	Igual aos supermercados Os sucos são mais baratos	Não são caros. Compensa a saúde que trazem	São bons. Não acha que sejam caros
O que mais compra (tipo de produto)?	Frutas, legumes e sucos	Frutas e hortaliças.	Frutas, legumes, mel e conservas	De tudo.	Verduras, legumes e diversos sucos	Legumes e frutas	Sucos. Não mel e derivados. Acha adulterados	De tudo inclusive os que são fabricados	Hortaliças e legumes e ervas mate. Menos sucos
Se pudesse somente consumiria produtos agroecológicos, até os que são industrializados	Sim. Está indo para esta direção	Não sabe. Acha que falta ainda um pouco para chegar a este estágio	Sim.	Sim.	Sim, sempre.	Mais ou menos. Tem uns que vai demorar para deixar de consumir	Sim	Consome hoje muito pouco o que não é agroecológico.	Sim e pensa que falta mais produtos de origem animal
Olhar para o produtor familiar									
Como vê a agricultura familiar?	Em processo de resgate da sua importância	Acompanha pouco mas acha que é muito trabalho e pouca renda	Necessária para que não haja concentração de terras.	Vê hoje mais informada. Mais atualizada	Como ainda de subsistência.	Sabe que trabalham muito	Acha que tem dificuldades	Se dedicam muito ao que fazem	Como boa ocupação para quem mora no campo
Mudou sua opinião sobre os agricultores familiares a partir do momento em que começou a consumir produtos agroecológicos?	Não. Valoriza todo o trabalho da agricultura familiar	Não é a mesma	Não. Valoriza da mesma forma	Não. Continua a mesma	Não. Somente acha que os agroecológicos são mais motivados	Não. Não influenciou	Não	Não continua com a mesma boa impressão	Não. Acha que mudou foi o modo de pensar dos produtores.

Continuação do ANEXO H

Pesquisa	Consumidor 1	Consumidor 2	Consumidor 3	Consumidor 4	Consumidor 5	Consumidor 6	Consumidor 7	Consumidor 8	Consumidor 9
Olhar para o produtor familiar									
Qual seu nível de confiança em relação aos produtos agroecológicos? Confia plenamente que os agricultores não utilizam produtos danosos à saúde humana?	Confia. Sabe como eles trabalham	Algumas vezes fica em dúvida. Aparecem produtos muito limpos e grandes	Confia totalmente	Confia plenamente.	Confia mas gosta de comprar nas mesmas bancas sempre	Total. Acredita que praticam seus trabalhos sem agrotóxicos	Confia totalmente. Não iriam mentir.	Confia mas compra nas mesmas bancas porque já conhece os produtores	Não totalmente. Confia somente naqueles que conhece e compra destes.

Continuação do ANEXO H

Pesquisa	Consumidor 10	Consumidor 11	Consumidor 12	Consumidor 13	Consumidor 14	Consumidor 15	Consumidor 16	Consumidor 17	Consumidor 18
Olhar para o produtor familiar									
Qual seu nível de confiança em relação aos produtos agroecológicos? Confia plenamente que os agricultores não utilizam produtos danosos à saúde humana?	Somente confia naqueles que conhece.	Totalmente	Totalmente e em todos	Totalmente.	Plenamente	Tem vezes que desconfia. Procura comprar no mesmo local e na mesma banca	Confia nos produtores da associação Arco Íris.	Totalmente em todos os produtores	Não totalmente. Teria que ser divulgado se tem fiscalização oficial

ANEXO I – Tabela da produção agrícola de Dom Pedro de Alcântara - ano de 2007

Cultura Agícola	Área plantada (ha)	Número de produtores	Produção Anual
Abacaxi	5	7	75.000 f
Abobrinha	3	6	90 t
Aipim	25	80	300 t
Amendoim	52	73	130 t
Arroz	350	9	1.750 t
Banana branca	525	350	5.775 t
Banana catura	225	120	5.625 t
Beringela	2	6	30 t
Cana-de-açúcar	100	90	6.000 t
Caqui	3	1	...
Feijão	8	32	9,6 t
Mandioca	60
Maracujá	8	12	294,4 t
Pepino salada	5	8	200 t
Pimentão	5	12	13 t
Tomate	10	18	420 t
Uva	0,72	3	...

Fonte: EMATER/RS – escritório de Dom Pedro de Alcântara

Legenda da produção anual: f - frutos e t - toneladas